

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Edmundo Moniz

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

 FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA
(LIVREIRO E AUTOR)

Notas bibliográficas por
OSWALDO MELO BRAGA

Introdução
ANÍBAL BRAGANÇA

2.^a edição

Rio de Janeiro 2009

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2009

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Antonio Carlos Secchin

José Mindlin

José Murilo de Carvalho

Produção editorial

Monique Mendes

Revisão

Flávia Amparo

Projeto gráfico

Victor Burton

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

M755 Moniz, Edmundo.

Francisco Alves de Oliveira : (livreiro e autor) / Edmundo Moniz ; notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Introdução por Aníbal Bragança – 2. ed. –
Rio de Janeiro : ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto, 88)

140 p. : fac-síms., retrs. ; 21 cm. –

Bibliografia: p. 81-98.

ISBN 978-85-7440-125-6

I. Oliveira, Francisco Alves de, 1848-1917. I. Braga, Oswaldo Melo.

II. Academia Brasileira de Letras. III. Título: (Livreiro e autor). VI. Série.

CDD B869.85

A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução¹

ANÍBAL BRAGANÇA

Excetando-se a Impressão Régia do Rio de Janeiro, hoje Imprensa Nacional, a Francisco Alves é a editora mais antiga em funcionamento no país. Fundada como Livraria Clássica pelo imigrante português Nicolau Antônio Alves, voltada especialmente para o nascente público escolar da Corte, logo se tornaria uma livraria-editora de livros didáticos. Começou modestamente e veio a tornar-se a maior livraria-editora do país – durante cerca de 50 anos – nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX. Sua inauguração, em 1854, no mesmo ano em que se inaugurava o telégrafo e a iluminação pública a gás, no Rio de Janeiro, se deu a 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Glória, a madrinha do

I  Este texto é uma versão reduzida do artigo “Francisco Alves no contexto da formação de uma indústria brasileira do livro” apresentado no I Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, em 2004, acessível em www.livroehistoriaeditorial.pro.br.

Imperador, em cerimônia festiva². Estava então situada na Rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias), 54, Centro do Rio de Janeiro (em 1875, iria receber nova numeração, passando a 48).

Importante para o futuro da Livraria Clássica foi, nesse ano, a publicação, em 17 de fevereiro, do decreto do Ministro do Império, Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, (depois Visconde do Bom Retiro), que reformou a instrução primária e secundária do município Neutro, onde, dentre outras medidas, se anuncia que “o material escolar seria fornecido pelo Estado”.³ Ainda que isso nunca tenha efetivamente sido levado a cabo de forma plena, foi o início de uma parceria entre o poder público e as editoras privadas de livros escolares, até hoje fundamental para o desenvolvimento do setor. A partir dessa reforma, a iniciativa particular no campo do ensino primário e secundário passou a ser controlada pelos poderes públicos.⁴

O desenvolvimento da Livraria Clássica insere-se também nas transformações socioeconômicas desencadeadas no Império, especialmente no Rio de Janeiro, com o fim do tráfico negreiro, em 1850. Durante toda a segunda metade do século XIX houve grandes investimentos nos transportes e nas comunicações, ampliação da estrutura mercantil e bancária, com crescimento das camadas médias da sociedade e desenvolvimento do mercado interno. Paralelamente desenvolveu-se uma imprensa combativa e, com as novas instituições escolares, tudo se refletiu, finalmente, em um aumento do público leitor e do mercado para o livro. A expansão do ensino se acentuou nessa década

2  Ver p. 6.

3  PEIXOTO, Afrânio. *Noções de História da Educação*. 3.^a ed. São Paulo: Nacional, 1942.

4  HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*. São Paulo: Grijalbo; Edusp, 1972, p. 15

e, em 1857, o Brasil já possuía 2595 escolas públicas primárias, com 70.000 alunos.⁵

Foi importante também, no período, a formação de uma mentalidade empresarial moderna. Eram as novas ideias políticas, econômicas e filosóficas, de origem inglesa e francesa especialmente, que iam formando o mundo capitalista e burguês, mesmo num país escravocrata como o Brasil de então.

O fundador da Clássica, Nicolau Antônio Alves (1827-1902), minhoto, natural de Cabeceiras de Basto, havia emigrado, com 12 anos incompletos, em 1839. Francisco Alves de Oliveira, sobrinho de Nicolau, nasceu em 2 de agosto de 1848, chegou ao Rio de Janeiro, no primeiro mês do ano de 1863, ainda com 14 anos. Tio e sobrinho faziam parte de um processo de emigração que levou milhares de portugueses jovens alfabetizados dessa província do norte de Portugal a partirem para o Brasil, sem a família, com o objetivo de fazer carreira por seu próprio esforço, numa economia de maior dimensão e onde sabiam existir muito mais oportunidades para trabalhar por conta própria ou para exercer uma vocação empresarial.⁶

Veio Francisco Alves com carta de chamada do tio e foi trabalhar na Livraria Clássica.⁷ Paralelamente, prosseguiu os estudos, que iniciara em Portugal, no Colégio Vitório⁸, situado na mesma rua da livra-

5  PEIXOTO, *op. cit.*, p. 295.

6  LEITE, Joaquim da Costa. “O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914)”, in FAUSTO, Boris, org. *Fazer a América. A Imigração em Massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 187.

7  Edmundo Moniz afirma que Francisco Alves empregou-se numa casa comercial de materiais de marinha de vela (Ship-Chandler), onde, diz, “apesar da pouca idade, tornou-se o primeiro caixeiro da casa”, chegando a perceber sessenta mil réis por mês, “salário muito elevado para a época”. Ver p. 3.

ria do tio, no n.º 46⁹, mas não há notícia de que tenha conseguido bacharelar-se. Lá provavelmente conheceu o professor Theophilo das Neves Leão, secretário da Inspetoria Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, em 1868¹⁰, que viria a ser um de seus grandes amigos e colaborador desinteressado em sua atividade editorial e livreira.

Francisco Alves, em 18 de agosto de 1868, cinco anos após sua chegada ao Brasil, já havia estabelecido um contrato com seu tio, que lhe dava algum “interesse” na casa, e que viria a ser revogado somente em 1882, no contrato de formação da sociedade Alves & Cia., sucessora de Nicolau A. Alves. Em 1873, porém, Francisco Alves estabeleceu-se por conta própria, com o negócio de livraria, na Rua São José, 126 (depois passou a 118), também no centro do Rio de Janeiro¹¹. Capistrano de Abreu, que foi amigo de Francisco Alves, em correspondência com o historiador português, João Lúcio de Azevedo, de 2 de julho de 1917, registrou: “Em [18]77 liquidou o que possuía, visitou a exposição [Universal, de 1878, em Paris] e viajou parte da Europa. Na volta, o tio chamou-o e afinal ficou senhor da Casa que passou da Rua de Gonçalves Dias para o grande prédio que hoje ocupa na Rua do Ouvidor”.¹²

8  ABREU, Capistrano de. *Correspondência*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira ; Brasília: MEC/INL, 1977, pp. 58/9.

9  O Colégio Vitório era, em 1867, o segundo estabelecimento particular do sexo masculino em número de alunos. O primeiro era o Colégio Gratuito do Mosteiro de S. Bento. Ver: Haidar, *op. cit.*, p. 202.

10  Cf. HAIDAR, *op. cit.*, p. 202.

11  Cf. *Almanack Laemmert*, Rio de Janeiro, 1873, 1874 e 1875, que dá a indicação pelo nome do titular.

12  ABREU, Capistrano, *idem, ibidem*.

O contrato de formação da sociedade Alves & Cia., de 10 de fevereiro de 1882, pelo qual o fundador, Nicolau Antônio Alves, afasta-se da gerência da sociedade, passando a sócio comanditário “ou simples prestador de capital”, e no qual admite como sócios “solidários e pessoalmente responsáveis” a Antonio Joaquim Ribeiro de Magalhães¹³, pelo escritório e caixa, e Francisco Alves de Oliveira, pela gerência, este com Rs 15:000\$000 do capital e aquele com Rs 25:000\$000, correspondentes ao “saldo de seus lucros como socios de industria que forão de Nicoláo Antonio Alves, accumulados e verificados no referido balanço de 31 de dezembro de 1881”, de um capital total de Rs\$ 110:187\$297, “todo realizado”, do qual Nicolau Antônio Alves detinha Rs 70:187\$297¹⁴, permite supor que, quando Francisco Alves voltou de sua viagem à Europa, recebeu convite do tio para ser sócio “de indústria” na livraria.

A sociedade durou pouco tempo com essa formação, pois Francisco Alves comprou a Antonio Joaquim Ribeiro de Magalhães, as cotas que este detinha, em 31.3.1883, assumindo a direção plena da empresa.¹⁵ O capital da empresa subiu para Rs 140:000\$000, sendo Rs 60:000\$000 de Francisco Alves de Oliveira e Rs 80:000\$000 de Nicolau Antônio Alves.

13  Também minhoto, nascido a 1 de novembro de 1839. Veio para o Rio de Janeiro aos 12 anos de idade, onde se empregou na Livraria do Sousa, antes de se associar a Nicolau Antônio Alves. Faleceu no Rio de Janeiro a 29 de junho de 1902, era pai do Dr. Teodoro de Magalhães e Fernando de Magalhães (1878-1944), professor da Faculdade de Medicina e membro da Academia Brasileira de Letras.

14  Arquivado na Junta Commercial da Capital do Império em 16.02.1882, registro n.º 24021 (Arquivo Nacional);

15  Manoel Maia dos Santos foi, durante muitos anos, empregado “interessado” na casa.

No mesmo ano, a 9 de julho de 1883, Francisco Alves de Oliveira, solicita ao Imperador a cidadania brasileira. O pedido foi atendido: “Prestou juramento e recebeu a Carta em 27-II-83”¹⁶ é o que consta como despacho no processo.¹⁷

As edições da Casa foram iniciadas pelo fundador, Nicolau Antônio Alves, em 1862. A primeira edição foi a *Exposição do systema metrico decimal*, do Prof. J. R. F. Jordão (João Rodrigues da Fonseca Jordão), com uma tiragem inicial de 4.000 (quatro mil) exemplares.¹⁸ O contrato de cessão de direitos autorais estabelece que cabe ao editor pagar as despesas materiais da produção do livro: papel, impressão e acabamento (brochuras, encadernações ou cartonagens). Os lucros serão divididos, após o pagamento dessas despesas, mensalmente, 50% para o editor e 50% para o autor.¹⁹ Este, além do trabalho de fazer o original, obriga-se a promover o livro nos “estabelecimentos de instrução, públicos e particulares”.

Esta parceria entre autor e editor, com pequenas variações, será a forma dominante nos contratos de direitos autorais da casa, seguida também por Francisco Alves.²⁰

16  Francisco Alves de Oliveira, processo de naturalização: Fundo/coleção: IJJ6N764, série Interior – Código A9 – SDE, Arquivo Nacional.

17  Ver reprodução da Carta de naturalização, assinada por D. Pedro II. Ver pp. 120-121.

18  Foi feito contrato de “sociedade particular” entre o autor e o editor, em 1 de setembro de 1862 (Cópia no acervo do Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial no Brasil (LIHED/UFF).

19  No contrato aparece como parte também o Bacharel Carlos José Moreira, que terá direito a metade do que couber ao autor.

20  Cf. BRAGANÇA, Aníbal. “A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”, in Abreu, Márcia, org. *Leitura, História e História da Leitura*. 1.^a reimp. Campinas (SP): Mercado de Letras ; ALB, 2002, p. 451-476.

Em 1894, Francisco Alves abriu uma filial da Livraria Clássica, de Alves & Companhia, em São Paulo, atento que estava ao desenvolvimento daquela província. A inauguração contou com a presença das maiores autoridades e de figuras importantes da intelectualidade paulista e fluminense. Para auxiliá-lo na direção da filial (inicialmente chamada de agência, situada na Rua da Quitanda, 9), chamou o jovem engenheiro, Manuel Pacheco Leão, filho de seu amigo Theophilo das Neves Leão.

Francisco Alves assumiu a plena propriedade da empresa que dirigia em 13 de setembro de 1897, quando foi feito o distrato²¹ da firma Alves & Cia. Em sua 2.^a cláusula, se define que assume “o socio Francisco Alves de Oliveira toda a responsabilidade activa e passiva e por isto ficando como successor único da mesma sociedade, do nome commercial ‘Livraria Clássica’ e exclusivo dono das propriedades literarias, por ella adquiridas e dos contratos de edição”, pagando ao fundador da Casa, Nicolau Antônio Alves, a quantia de Rs 179:987\$159, “por saldo de todas as suas contas a ajuste final de contas”.²²

Nesse mesmo ano, a 12 de outubro, Francisco Alves transferiu a sede da livraria para a Rua do Ouvidor, 134 (na época chamada de Moreira César). O jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, n. 4758, de 13 de outubro de 1897, assim registrou o evento:

21 ☞ Escritura registrada no livro 33 de notas, fls. 43 verso, do Cartório do 8.º. Ofício de Notas do Rio de Janeiro, de Antonio Herculano da Costa Brito, em 13 de setembro de 1897.

22 ☞ O pagamento foi feito da seguinte forma: Rs 29:987\$159 em moeda corrente, no ato, e mais seis prestações semestrais de Rs 25:000\$000, a primeira em fevereiro de 1898, pagando o comprador, sobre essas prestações, o juro anual de 5%, em prestações mensais, “no dia 1.º de cada mês vencido”.

Perante concurso numeroso de pessoas das nossas classes illustradas, entre as quaes notamos a presença de muitos homens de letras, escriptores, membros do magisterio superior e primario, deputados, representantes da imprensa e de commercio, etc., inaugurou-se hontem a conhecida livraria Alves, que ha muitos annos occupava um predio da rua Gonçalves Dias.

O edificio, em que ora está installado o acreditado estabelecimento, foi expressamente construido para esse fim e, sem contestação, é hoje o mais amplo que nesse gênero de negocio conta a Capital Federal. Compõe-se de três pavimentos, de solida construcção, altos, profusamente illuminados pela claridade que desce de vasta claraboia, sendo o pavimento terreo occupado pela livraria em estantes altas, que chegam ao tecto, e os dois superiores em fórma de galeria aberta, destinados a depositos de livros, escriptorio, etc.

No centro do primeiro pavimento, ao alto, vêem-se os retratos do fundador da casa, o velho e popular livreiro Nicoláo Alves, e do livreiro Magalhães, que foram socios do actual proprietario.

No segundo pavimento foi servida em extensa mesa magnifica refeição aos convidados do proprietario, o Sr. Francisco Alves, provecto e conceituado negociante de livros, que alli se reuniram para saudal-o.

O Dr. Theophilo das Neves Leão, antigo professor e secretario da instrucção publica nesta capital, iniciou os brindes, rememorando os serviços que o Sr. Alves tem prestado á instrucção no Brasil como editor do maior numero de obras didacticas publicadas entre nós.

A esse brinde seguiram-se muitos, merecendo especial menção, entre outros, os dos Drs. Sylvio Romero, Homem de Mello e Paranhos Pederneiras, nosso colega do *Jornal do Commercio*, retribuindo a eloquente e alevantada saudação que o Dr. Sylvio Romero dirigiu á imprensa.

A livraria Alves é um estabelecimento digno de ser frequentado pelo publico fluminense.

Toda a imprensa escrita, como o *Jornal do Brasil*, o *Jornal do Commercio*, a *Folha da Tarde* e a *Gazeta de Notícias*, registrou o acontecimento no dia seguinte à inauguração.

Após a instalação na nova sede, Francisco Alves resolveu anexar a empresa que tinha criado em São Paulo, formando uma só firma para a sua livraria-editora. Com essa fusão, deixaram de existir a Francisco Alves, no Rio de Janeiro, e a Alves & Cia., de São Paulo, criando-se a Francisco Alves & Cia., em 5 de janeiro de 1903. Na composição desta firma entra o sócio de Francisco Alves em São Paulo, Manuel Pacheco Leão. No mesmo documento, se define que o “empregado Paulo E. de Azevedo”, “em quanto bem servir”, receberá “o interesse de cinco por cento (5%) nos lucros liquidos da casa de S. Paulo”.

Em 1907 Francisco Alves fez uma outra sociedade, desta vez com Júlio Monteiro Aillaud, para participar do controle da tradicional editora, livraria e tipografia francesa, Aillaud, de Paris, e, tendo o mesmo Júlio Monteiro como associado, além de seu já sócio no Brasil, Manuel Pacheco Leão, adquiriu, em 1908, a Livraria Bertrand, de Lisboa. Individualmente já havia adquirido em Portugal as editoras “Biblioteca de Instrução Profissional” e a “A Editora”, sucessora da casa David Corazzi, tradicionalíssima editora portuguesa, ambas de grande en-

vergadura econômica e importância no mercado do livro lusófono, inclusive no Brasil

Foi dessa maneira que Francisco Alves se tornou o primeiro editor brasileiro a incorporar a seus negócios, com sede no Rio de Janeiro, livrarias-editoras da França e Portugal, invertendo o percurso dos seus contemporâneos europeus, como os Garnier.

Em 1910 abriu filial em Belo Horizonte, na nova capital do Estado de Minas Gerais. Além das filiais, Francisco Alves credenciou livrarias-papelarias como depositárias em várias cidades brasileiras.

A Francisco Alves não se restringiu à edição escolar. Além de um extenso e variado catálogo de livros técnicos, jurídicos etc. fez edições literárias de grandes autores contemporâneos brasileiros, como Olavo Bilac, Raul Pompeia e Euclides da Cunha, e de estrangeiros, como Edmond de Amicis e Carlos Malheiro Dias.

A atuação de Francisco Alves como editor foi muito relevante para a profissionalização do escritor no país²³. Contrariamente ao que era habitual entre os editores de seu tempo, seus contratos remuneravam dignamente os autores²⁴, mesmo para os padrões atuais e eram cumpridos de forma irrepreensível e pontual.

Um testemunho importante sobre a Francisco Alves foi dado por um autor que só depois viria a ser editado pela Casa. É uma bela página publicada no *Jornal do Commercio*, de 28 de setembro de 1891, que merece ser lida por inteiro.²⁵ Foi escrita para comentar o lança-

23  BRAGANÇA, A. *Idem, ibidem*.

24  Em carta dirigida ao historiador português João Lúcio de Azevedo, Capistrano de Abreu afirma: “ainda não houve no Brasil quem desse tanto dinheiro aos autores”. Carta de 2.07.1917. Abreu, *idem, ibidem*.

25  POMPEIA, Raul. *Crônicas 4*. Obras, v. 9. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; OLAC, FENAME, 1982, pp.

mento da tradução brasileira do livro *Cuore*, de Edmondo de Amicis, feita por João Ribeiro. Alguns trechos, que se referem ao trabalho do editor:

[...] ninguém merece mais como colaborador obscuro mais fecundo do nosso progresso do que os editores Alves & C., que acabam de publicar o *Coração* transplantado para vernáculo por João Ribeiro.

Quando é tão comum ver-se a educação do povo vendida a retalho pelo que fica mais em conta, e quando é tão comum o desgraçado espetáculo do comércio afrontosamente perpetrado contra as mais sagradas conveniências da constituição moral do povo, aproveitando-se cada informante da consciência pública, cada educador do espírito do povo da confiança que bem ou mal soube merecer para mais rendosamente desencaminhar e trair; é grato reconhecer a lealdade, a dedicação sadia e honesta com que nesse vasto campo de ação trabalha essa casa editora.

São comerciantes; não querem ser mais do que isso. Quanto estamos longe, porém, dos sacerdócios azinhavrados que por aí andam escandalizando a moralidade com a eterna missa negra da especulação! São comerciantes. Mas escolheram para seu negócio o comércio de livros; no comércio de livros, a especialidade dos livros de educação popular; e nesta especialidade, conhecendo quanto deles depende, fixaram-se no ponto de vista da mais segura e inteligente honradez.

[...] como livreiros e como editores, Srs. Alves & C. escrupulizam no seu negócio como na prática de um sério dever.

[...] Suas edições principalmente se impõem pelo cuidado da mais honesta e mais lúcida escolha.

E falando-se de suas edições é preciso acentuar que eles as pagam.

E ainda que nesta terra a palavra editor seja sinônimo de ganância, de escavação esfaimada de hiena, no cérebro alheio eles não têm que corar de serem editores entre nós.

Ainda não há muito pagavam ao próprio João Ribeiro que acaba de traduzir o *Cuore* oito contos por uma gramática e tem convencionado que a cada nova edição pelo trabalho de rever as provas impressas, darão ao nosso ilustre filólogo e escritor quatrocentos mil réis. Um pouco mais do que usam fazer os editores de seiscentos mil réis pela propriedade dos mais brilhantes e dos mais populares dos mais procurados, monumentos da nossa literatura e de traduções a cem mil réis furta de consumir meses inteiros de fadigas.

Francisco Alves lançou as bases modernas da edição escolar no Brasil. A morte levou-o antes de completar 69 anos. Ao falecer o livreiro-editor deixou toda a sua fortuna para a Academia Brasileira de Letras. Exigiu da Academia que promovesse concursos, para os quais já destinava fundos, para premiar os vencedores das monografias que oferecessem as contribuições mais originais para o desenvolvimento do ensino e da língua portuguesa no país.

Em 1942, o prefeito do antigo Distrito Federal, Henrique Dods-worth, pela Resolução n.º 4, “Resolve criar e instalar à Rua da Passagem, 104, a escola II-4, que se denominará Francisco Alves”, que existe hoje como “Escola Municipal Francisco Alves”, situada na Tra-

vessa Pepe, n.º 77, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Existe, também, no bairro da Tijuca, a Rua Livreiro Francisco Alves. Assim como a primeira edição deste livro, podemos incluir estas homenagens nas efemérides do vigésimo quinto aniversário da morte de Francisco Alves.

Livraria Clássica, depois Livraria Alves e, finalmente, Livraria Francisco Alves, a casa desenvolveu-se, alcançando o topo no universo editorial brasileiro. Paulo de Azevedo, o auxiliar que o sucedeu na direção da casa, seguiu-lhe os passos com muito êxito. Após a morte deste em 1946, sucederam-no na direção geral seus filhos, que já o auxiliavam na casa matriz, dando continuidade à política editorial e à vocação da casa.

Em 1954, o centenário da Livraria Francisco Alves foi marcado por grandes comemorações, com registros na grande imprensa e elogios ao grande editor e a seu sucessor, Paulo de Azevedo. Em 1972 a empresa passou para outras mãos, sendo adquirida por José Celso de La Rocque Maciel Soares Guimarães, que, dois anos depois, cedeu o controle acionário à empresa de navegação, Netumar, de Ariosto Amado, quando o atual editor-proprietário, Carlos Leal, inicia, como gerente, sua trajetória na empresa.



tributar-lhe pelo tempo a fora,
porque ele foi, sobretudo, um
amigo das letras, um incenti-
vador magnânimo da cultura
nacional.

A Comissão de Publicações:

Rodolfo Garcia.

Afrânio Peixoto

Oliveira Viana

Pág. 2 das “Duas palavras” da “Comissão de Publicações” devidamente assinadas pelos acadêmicos Rodolfo Garcia, Afrânio Peixoto e Oliveira Viana.



Duas palavras

As páginas a seguir valem por
mais uma das homenagens da
Academia Brasileira de Letras, à
memória de seu grande benefactor
Francisco Alves. Reunem-se aqui,
além da notícia de sua vida,
extractos vários que se relacionam
com a figura exalta de Lorenço
editor, cujo espirito plastico e
simpatico a Academia tanto
^{em 1903} tem exaltado.

Francisco Alves bem merece
essa homenagem e quantas
outras a instituição comha a

“Duas palavras” sobre o presente livro da “Comissão de Publicações” da
Academia Brasileira de Letras.

NOTAS BIOGRÁFICAS

I

Francisco Alves de Oliveira nasceu a 2 de agosto de 1848. Dois dias depois, era levado à Igreja de Santa Maria do Outeiro, concelho de Cabeceiras de Basto, Reino de Portugal, onde recebeu o batismo. Seu pai, Antônio José Alves^I, mostrava-se radiante de alegria. Casara-se por amor com sua sobrinha, D. Maria José de Oliveira, e via, decerto, no recém-nascido, um novo fator que viria ainda mais consolidar a sua felicidade conjugal.

O pequeno Francisco, ao ser levado para a escola, logo se distinguiu, entre os colegas, como dotado de várias qualidades. Era inteligente e aplicado em seus estudos. Seu comportamento modelar, essencialmente disciplinado, aliava-se a um espírito cheio de curiosidade, de coragem e de iniciativa. Estas virtudes foram, por ele, conservadas durante toda a vida.

Aos 15 anos de idade*, sentiu-se fascinado pela ideia de buscar o êxito e o triunfo no outro lado do oceano, isto é, no Brasil. Seu senso prático se harmonizava a mil maravilhas com o que nele havia de romântico e sonhador. Chegou ao Rio de Janeiro em 1863.

Queria vencer. Tinha pouco dinheiro na carteira, mas era amigo do trabalho. Empregou-se, então, numa casa comercial, que fornecia materiais específicos à marinha de vela (*Ship-Chandler*), e chegou a perceber sessenta mil réis por mês, salário muito elevado para a época. Apesar da pouca idade, tornou-se o primeiro caixeiro da casa, conquistando a estima e a confiança dos patrões e dos companheiros.

Vivia modesta e corretamente. Economizava o máximo que podia, certo de que, em breve, teria o necessário para concretizar os seus pla-

I ☞ Antônio José Alves é o nome que consta, no testamento de Francisco Alves, mas na certidão de idade vamos encontrar Antônio Alves Correia.

* ☞ Ainda não completados, já que FA chegou ao Brasil com 14 anos. [N. do O.]

nos. Trazia, na cabeça, um grande objetivo que haveria, no futuro, de tomar corpo, mostrando que não foram em vão os anos de trabalho e de sacrifício.

De fato, em pouco tempo, relativamente, Francisco Alves conseguiu juntar um conto e cento e vinte mil réis, quantia elevada para um simples caixeiro. O que representava aquele dinheiro para ele! Quantos divertimentos renunciados! Quanta coisa perdida no alvorecer da mocidade quando o espírito é mais sôfrego, mais desejoso de prazeres! Ia agora estabelecer-se na praça como negociante. Vencera a primeira etapa. Não trabalharia mais para ninguém a não ser para ele mesmo. Foi então que Francisco Alves de Oliveira fundou, por conta própria, uma pequena loja de livros usados. Foi a sua primeira livraria.

O destino mostrava-se amistoso Seu negócio marchava de vento em popa. Tudo corria da melhor forma possível. Tinha ótima freguesia e dinheiro na caixa. Mas, pouco a pouco, o jovem livreiro foi se deixando levar pelo desejo de novas aventuras. Portugal não saía de suas cogitações. Tinha vontade de revê-lo, de regressar a sua pátria como verdadeiro vencedor. Não resistiu à tentação. Liquidou o que possuía, e, com o dinheiro apurado, no ano de 1873, tomou um navio que deveria conduzi-lo à cidade do Porto. Voltava à terra natal.

Mas seu coração não sossegou. Francisco Alves estava finalmente em sua própria terra, no país onde nascera, onde passara a infância e os primeiros tempos da adolescência, no país que fora o berço de seus avós, de seus pais, de seus irmãos. Coisa estranha! A lembrança do Brasil começou a torturá-lo, a torturá-lo muito mais do que a lembrança de Portugal quando se achava ausente. Considerava o Brasil, agora que se via longe, como a sua terra verdadeira, a terra de seu coração. Foi com muita alegria, muito contentamento, que recebeu a carta de seu



FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA
(Livreiro e autor)

tio, Nicolau Antônio Alves², aqui estabelecido à frente da Livraria Clássica, convidando-o para participar em seus negócios.

A Livraria Clássica era das mais frequentadas do Rio de Janeiro³. Fora festivamente inaugurada a 15 de agosto de 1854*, dia de Nossa Senhora da Glória, a madrinha do Imperador. Tocaram-se foguetes e houve chope com sanduíches. Muita gente compareceu à inauguração, sobretudo os intelectuais. Uma nova livraria constituía naquele tempo um acontecimento importante. Os convidados apareciam de fraque e cartola, acompanhados de senhoras bem vestidas, algumas delas com joias de valor. Também ali se achavam as principais figuras da “colônia”, isto é, os negociantes portugueses que fizeram fortuna, e vinham solidarizar-se com a nova empresa do compatriota. Foi um dia inesquecível, muito tempo recordado pelos que tomaram parte na festa. Mas só na manhã seguinte é que a Livraria começou a funcionar comercialmente, pois o dia 15 era um grande feriado da cidade.

Em vista do convite do tio, Francisco Alves regressou imediatamente ao Rio de Janeiro. No ano seguinte, naturalizava-se brasileiro. Desde então preocupou-se séria e profundamente com o destino da “nova pátria”. Procurou auscultar os anseios do povo, verificar, no terreno político e social, o que mais lhe convinha. Mentalidade progressista, reagindo, em sua época, contra as forças conservadoras, tornou-se republicano e abolicionista. Era, como se vê, um livreiro de personalidade e de largos horizontes, mesmo na fase inicial de sua vida.

2  Nicolau Antônio Alves, filho de José Bento e de D. Luisa Margarida, nasceu em Cabeceira de Basto (Portugal) a 24 de setembro de 1827. Chegou ao Rio de Janeiro a 20 de janeiro de 1839. Esteve empregado em várias casas até que fundou a Livraria Clássica. Faleceu nesta cidade a 30 de agosto de 1902.

3  A “Livraria Clássica” estava então situada a Rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias), n.^{os} 96 e 98.

*  A I.^a edição indicava 1855. [N. do O.]

II

Nunca mais Francisco Alves deixou o comércio dos livros. Vender livros era o seu fraco, o seu dom natural. Há quem afirme que, desde o berço, o homem já traz determinadas propensões. Nasce poeta, músico, médico, padre, como nasce com os olhos verdes ou castanhos. Se aceitássemos por acaso este ponto de vista, poderíamos dizer que Francisco Alves nasceu livreiro.

Era sócio de seu tio, Nicolau, o Sr. Antônio Joaquim Ribeiro de Magalhães⁴, pai do Dr. Teodoro de Magalhães e do conhecido homem de ciência e de letras, professor da Faculdade de Medicina e membro da Academia Brasileira de Letras, Fernando de Magalhães. Francisco Alves, dentro de pouco tempo, comprou as partes de um e de outro, ficando exclusivamente à testa do negócio. Os três sócios entraram num entendimento amistoso. Verificaram que o lucro da livraria não dava suficientemente para dividir entre eles. Antônio Joaquim Ribeiro de Magalhães vendeu a sua parte, e Nicolau Alves comanditou-se. Estava velho, sem saúde, quase cego. Algum tempo depois, perdia a vista completamente. Francisco Alves terminou por comprar também a sua parte. Este capital comanditário foi pago com muito esforço e dificuldade, terminando sua liquidação no século XX. Eram duzentos e cinquenta contos em prestações anuais de cinquenta contos.

⁴  Antônio Joaquim Ribeiro de Magalhães nasceu em Póvoa Lanhosa (Santo Estêvão de Castelhões), Minho (Portugal), a 1 de novembro de 1839. Era filho de José Antônio Ribeiro do Magalhães e de D. Antônia Ribeiro do Magalhães. Veio para o Rio de Janeiro aos 12 anos, onde se empregou na Livraria do Sousa. Faleceu no Rio de Janeiro a 29 de junho de 1902.

Em 1896, o engenheiro Manuel Pacheco Leão, filho do grande amigo de Alves, o Dr. Teófilo das Neves Leão, que chegou a ser Secretário Geral da Instrução Primária e Secundária, associou-se à Livraria Francisco Alves de S. Paulo, fundada em 1895. Esta sociedade facilitou enormemente o velho Alves a pagar as prestações que devia ao tio.

Francisco Alves tinha pelo sócio uma estima paternal. Era velho amigo de seu pai e o conhecera menino. De fato, Teófilo das Neves Leão foi até o fim da vida, segundo Medeiros e Albuquerque, “seu leitor, seu conselheiro secreto e, à semelhança do que fazem os grandes editores de todo o mundo, só editava o que o leitor aprovava”. Ora, como Teófilo das Neves Leão era, em seu tempo, a maior autoridade em matéria de ensino, daí o sucesso dos livros didáticos, editados por Alves. E Medeiros conclui: no sucesso de Alves “não houve acaso, não houve cegueira da sorte”.

O negócio de Alves extraordinariamente se desenvolvia aqui no Rio de Janeiro, em S. Paulo, em Belo Horizonte e mesmo no estrangeiro. Foram incorporadas à empresa, em diversas épocas, ora totalmente, ora por compra dos estoques, propriedades literárias e contratos, entre outras, as seguintes casas: Viúva Azevedo, Lopes da Cunha, Empresa Literária Fluminense, Laemmert, etc., no Rio de Janeiro; Falconi e Livraria Editora, em S. Paulo; Aillaud, em Paris; Bertrand, a Editora e Biblioteca de Instrução Profissional, em Portugal. Ao todo, reunia dez casas às suas três principais. Com a compra do estoque da Laemmert, foi parar nas mãos de Alves a primeira edição de *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Mas a vida é cheia de vicissitudes. Ao lado das coisas boas se juntam também as coisas más. Em 23 de dezembro de 1913, Pacheco Leão faleceu. Foi um golpe enorme para Alves, que muito estimava o sócio. Era uma perda irreparável! Que fazer?! Não lhe restava outra

coisa senão se conformar com o caso consumado, o mal sem remédio. Pelo contrato existente, em caso de morte, Alves deveria pagar, à família de Pacheco Leão, vinte prestações anuais de cinquenta contos. Preferiu pagar em cinco de duzentos. Quando lhe disseram que, pagando desta forma, teria, em seu favor, uma redução de mais de cem contos, declarou verbalmente:

– Não quero nenhuma redução. O que eu queria era o Pacheco vivo.

E pagou tudo. Este gesto bem demonstra o quanto Alves sabia estimar e auxiliar aqueles que tinha como verdadeiros amigos.

III

Francisco Alves andava sempre mal indumentado. Usava fraque cinzento, colarinho duro, gravata preta de laço feito, óculos de ouro. O cinzento do fraque era habitual a todos os livreiros de então: não pegava poeira. Frequentava diariamente a Livraria, onde ficava das nove horas da manhã até as cinco da tarde. Atendia os fregueses e fiscalizava o serviço dos empregados. Estava sempre disposto a dar informações bibliográficas:

– O senhor quer saber o que existe de tal matéria? Temos os seguintes livros exclusivamente sobre ela, mas em tal obra encontra-se uma referência, talvez um capítulo importante.

E ele próprio ia procurar a obra referida, já que sabia de cor quase todos os livros que tinha em casa, e o lugar exato onde poderia encontrá-los.

Aqueles que conheceram Alves de perto, apresentam-no como um editor, não só honestíssimo, mas também acessível aos principiantes.

Editava com relativa facilidade o trabalho de qualquer moço que supunha de merecimento. E esperava o julgamento do público. A venda do livro era para ele o melhor meio de que dispunha para aquilatar o valor de uma obra e de um autor. Raciocínio prático, raciocínio de livreiro.

Alves morava no Hotel dos Estrangeiros em companhia de D. Maria Dolores Braun, que conheceu entre 1890 ou 91, e a quem se achava ligado pelos mais estreitos laços afetivos. Passava o verão nas Paineiras, e, de dois em dois anos, dava um passeio à Europa. Ia ao Porto, Lisboa, Madri, Paris, sem deixar jamais de fazer uma pequena estação de águas que, então, julgava, imprescindível à sua própria saúde.

De pequena estatura, bem frágil, Alves, depois de uma pneumonia, viu-se afetado pela tuberculose. Em virtude de sua vida moderada, retraída, ascética, sujeita a duro regime, — conseguiu, em parte, dominar o mal, e chegou mesmo à cura completa. Em 1904, quando fez seu testamento, estava à beira da sepultura. Embarcou para a Europa na esperança de melhoras, e os amigos mais íntimos já o julgavam perdido. Conta pessoalmente Paulo de Azevedo, antigo gerente na filial de S. Paulo, depois sócio de Alves e, por fim, seu sucessor na direção da Livraria, que essa viagem o deixou apreensivo e temeroso, tendo somente descansado quando recebeu o telegrama em que Alves comunicava ter chegado a Portugal sem nenhuma novidade.

Algum tempo depois, Alves regressava ao Rio em ótimas condições de saúde, bem disposto, melhor humorado. Vencera completamente a crise que parecera fatal.



Herma de Francisco Alves numa das salas da Academia Brasileira de Letras.

IV

Francisco Alves tinha duas grandes predileções na vida: as crianças e o estudo da Geografia e da História. Uma criança em sua livreria era dia de festa. Mesmo que não a conhecesse, Alves aproximava-se dela a fim de conquistá-la. Oferecia-lhe livros de estampas e entabolava uma comprida conversação. Desta forma, não se importava de deixar os afazeres e desperdiçar o seu tempo. Trazia sempre os bolsos cheios de balas e de chocolates e, mesmo na rua, estava disposto a distribuí-los com a petizada. Também as crianças tinham por Alves especial simpatia. Reconheciam nele um verdadeiro amigo. Isto prova a simplicidade de seu coração e sua bondade natural.

É justo que se diga: Francisco Alves de Oliveira não foi, apenas, um negociante português que enriqueceu vendendo livros atrás de um balcão. Não. Francisco Alves era um homem de espírito, estudioso, que aliava à inteligência a capacidade de trabalho. Já a escolha de seu ramo de negócio, desde a mocidade, trai a sua predileção pelos livros e o seu amor à cultura. Apesar de seu talento comercial, seu utilitarismo, achava-se um romântico no fundo de Alves. Na mocidade, havia-se dedicado às aventuras, desafiando o desconhecido, muitas vezes com uma alegria voluptuosa. Depois, no crepúsculo da vida, à beira da sepultura, fazia seu testamento deixando todos os bens à Academia Brasileira de Letras, a maior instituição literária, assim pensava, do país que escolhera livremente para viver e trabalhar. Apenas dela exigia que desse uma pensão a sua dedicada companhia de muitos anos, e organizasse, de tempo em tempo, dois concursos: um sobre a divulgação do ensino primário no Brasil e outro sobre a língua portuguesa.

Dizem, os conhecidos de Alves que ele era fanático pela Geografia e pela História; mais ainda pela Pré-História do que propria-

mente pela História. Trazia às vezes, no bolso, recortes de revistas e jornais, forçando seus amigos a lerem um imenso trabalho sobre a descoberta de certo túmulo de uma velhíssima dinastia do Egito. Desde 1883 que havia entrado como sócio efetivo na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Alves, também, sabia apreciar a poesia. Tinha especial predileção por Camões e Gonçalves Dias. Por conta própria, desejava promover, aqui no Rio de Janeiro, a ereção da estátua deste último, bem como imprimir as suas poesias completas numa edição monumental prefaciada, anotada e revista por Olavo Bilac. Bilac, dos poetas de seu tempo, era o que ele mais admirava.

Durante muitos anos, Alves foi apenas considerado como um livreiro misantropo. Mas hoje está devidamente provado, conforme o importante discurso, recentemente pronunciado na Academia Brasileira de Letras por José Carlos de Macedo Soares, que o conhecido livreiro foi também autor de vários livros. Alves era excessivamente modesto. Não apreciava o reclame, a fama, a popularidade. Em 1887, com o pseudônimo de Guilherme do Prado, publicou dois livros didáticos: *Trechos dos Autores Clássicos*, adotados pelo governo para exames gerais de preparatórios deste ano, e *Princípios de Composição, Descrição, Narrações, Cartas, etc.*, segundo o programa oficial. Falando corretamente o francês, o inglês, o italiano, Francisco Alves, assinando F. de Oliveira, seu próprio nome um tanto disfarçado, fez uma valiosa adaptação do método de F. Ahn para o ensino das línguas francesa, inglesa e italiana. Este trabalho foi levado a efeito com a preciosa ajuda de D. Dolores, descendente de família suíça, e grande conhecedora de línguas. Além disso, com J. Monteiro, pseudônimo de Júlio Monteiro Aillaud, seu sócio em Paris, e J. Benoliel, publicou Alves o *Dicionário Prático Francês-Português*. Também com J. Monteiro editou

uma série de Atlas de Geografia. Em 1903, usando as iniciais F. de O., lançou a 4.^a edição aumentada da *Gramática da Língua Portuguesa*, de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade. “Francisco Alves — conta J. C. de Macedo Soares — sonhou presentear o povo brasileiro, por ocasião das comemorações do centenário da Independência, com um Atlas Geográfico do Brasil que rivalizasse com o *Grande Atlas de Geografia Moderno*, de Stieler, ou com o *Atlas Geral de História e Geografia*, de Vidal de la Blache. Preparou o plano da obra magistral. Mandou fazer em França as primeiras cartas. Já a casa editora havia gasto 60 contos de réis, quando faleceu Francisco Alves.” O interessante é que as obras de Alves, até o ano de 42, ainda não publicamente identificadas, têm várias edições, podendo figurar entre as mais vendidas do Brasil⁴.

V

Os anos corriam. Francisco Alves havia realizado os seus intentos. Era dono de uma das maiores livrarias do Brasil, com sucursais em S. Paulo, em Minas, no estrangeiro. Estava rico e tinha todos os meios necessários para satisfazer os seus desejos. Ia sempre à Europa e podia-se gabar da extrema dedicação de sua companheira, e de algumas

4  Alves fundou várias revistas, das quais duas se mantiveram por muitos anos, tendo sobrevivido ao fundador: *A Revista Jurídica*, de Rodrigo Octávio, e a *Escola Primária*, dos inspetores das escolas do Distrito Federal.

Em 6 de fevereiro de 1888, Francisco Alves organizou o Centro Bibliográfico Vulgarizador, do qual foi o presidente. O Centro publicou a *Bibliografia Brasileira*, ns. I a II, fevereiro a novembro de 1888, e a *Revista Sul Americana*, ns. I a 23, 15 de janeiro a 15 de dezembro de 1889. O Centro extinguiu-se em 1890.

amizades verdadeiras⁵. Que mais desejar? Realizara o objetivo supremo de sua vida. Havia triunfado

Em 1914, estalou a grande guerra. Francisco ficou impossibilitado de ir à Europa como era seu costume. Tomou logo o partido dos aliados, considerando os alemães como uns bárbaros que mereciam ser totalmente esmagados. Falava com entusiasmo e paixão. E mesmo quando as notícias eram terrivelmente contra os aliados, jamais descreu de sua vitória final.

Muito doente, nervoso, mal-humorado, Alves ia vivendo cada vez mais em solidão. Tinha poucos amigos e estava incompatibilizado com quase toda a família. Não mantinha relações pessoais com sua irmã, Júlia, e seu cunhado Roberto Costa, nem com seus sobrinhos, filhos de seus dois irmãos, Nicolau e José, então falecidos. Não ia a teatro nem a festa. Não visitava ninguém. Ia somente à Livraria. Tinha pelo trabalho um respeito religioso.

– Gosto do Bilac, da D. Júlia, dizia certa vez a Afrânio Peixoto, não só pelo talento, mas pela constância, no trabalho... parece-me que vou colocá-lo no terceiro lugar.

Uma tarde, quando regressava a Paineiras, machucou a perna ao descer do trem. Como era diabético, esteve vários meses de cama. Correu o risco de perder a perna e seu estado de saúde tornou-se extremamente perigoso. Mas Alves resistiu à enfermidade. Ainda se levantou mais uma vez. Mais uma vez compareceu à Livraria e assumiu a direção de seus negócios.

Vitória efêmera! Certa manhã, Alves apareceu fortemente gripado. Paulo de Azevedo aconselhou-o a voltar para casa. Alves resistiu. Queria permanecer na Livraria. Não tinha nada a temer. Era um mal

5 ☞ Os amigos de Alves eram quase todos homens de letras e de ciências. Poderíamos salientar, entre outros, Sílvio Romero, João Ribeiro, Olavo Bilac, Rodrigo Octávio, Emílio de Menezes, Júlia Lopes de Almeida, Pardal Mallet, Felisberto Freire, Afrânio Peixoto.

sem importância. Passageiro. Todavia, como o sócio e amigo insistisse, resolveu aceder.

No dia seguinte, Alves não apareceu na Livraria. Estava acamado. Paulo de Azevedo procurou o seu médico, Dr. Pimenta, a fim de saber o estado do livreiro. O afamado clínico mostrou-se apreensivo e confessou os seus receios. Alves se achava muito debilitado em consequência da doença anterior. Temia uma pneumonia. Se tal acontecesse não haveria salvação.

Paulo de Azevedo dirigiu-se à residência de Alves. Não existia nada ainda para alarmar-se. No outro dia, o livreiro melhorou e escreveu um bilhete a sua irmã Margarida: “Estou melhor. Amanhã podes mandar logo receber a pensão. Não é necessário vir.”

Era a única pessoa da família com quem mantinha boas relações. Desde que ficara viúva, dava-lhe uma pensão mensal de vinte mil réis e pagava o colégio das meninas. Depois aumentou a pensão para cinquenta mil réis.

Entretanto, no dia seguinte, a saúde de Alves piorou. Acontecia o previsto pelo médico. Paulo de Azevedo foi encontrá-lo ardendo em febre. Por vezes delirava. A guerra não lhe saía do cérebro. Julgava necessário mais do que nunca o esmagamento da Alemanha. Mostrava-se preocupado com a Rússia, onde se processara um grande movimento revolucionário que reduzira a cinzas o poder dos tzares.

— É preciso vencer! — exclamava — Ah! os russos! Que farão eles? Que farão eles agora? Sim. Os aliados sairão vencedores. A Alemanha será vencida.

Quis o destino que Francisco Alves de Oliveira não assistisse ao fim da grande guerra. A morte selou os seus lábios para sempre a 29 de junho de 1917. Era dia de S. Pedro. O céu estava cheio de estrelas e de balões. Poder-se-ia supor que, dentro em breve, Francisco Alves de Oliveira seria totalmente esquecido. Mas tal não aconteceu.

 RECORDAÇÕES E
ANEDOTAS

I

O TESTAMENTO DE ALVES

“Editor de meus primeiros livros de Direito e desse explosivo catecismo das *Festas Nacionais*, conheci-o como livreiro, tratei-o como homem de negócio de poucas palavras, brusco, mas sincero, leal e profundamente honesto. Conheci-o também no trato pessoal, em íntimo convívio, havendo passado juntos, no delicioso confinamento da montanha aprazível, algumas estações de verão, no Hotel dos Estrangeiros; e advogado, tive-o como cliente, indo ouvir-me sobre circunstâncias complicadas de sua vida, pedir-me estudo de papéis para aquisição de prédios e redação das respectivas escrituras, e certa vez, em véspera da partida minha para a Europa, conselho sobre o seu testamento.

Francisco Alves, sem herdeiros necessários, preocupava-se com o destino de seus bens, que, aliás, a esse tempo (1904) não haviam tomado o vulto que o decênio subsequente lhes deu. De nossa conversação, verifiquei que ele, vacilando ainda no que pretendia fazer, se inclinava para o benefício das letras de preferência ao de caridade pública. Sugerir-lhe, então, que constituísse um fundo para que, com as rendas, a Academia Brasileira distribuisse prêmios que estimulassem o desenvolvimento das letras nacionais. Seria um meio de perpetuar o seu nome e de fazer beneficiar o livro no Brasil do que do livro tinha vindo.

Sentia que a Alves agradou a ideia. Apresentou-a, desde logo, ali mesmo, sob diversas formas, e retirou-se para voltar mais tarde, para a redação do instrumento quando houvesse assentado essa resolução.

E não voltou. Ausentei-me, pouco depois, do Brasil e quando, muitos meses passados, regressei, da primeira vez que me encontrei com o velho livreiro, este me disse, com ar discreto, que havia feito o seu testamento e que minha sugestão não havia ficado no olvido.

Doze anos se passaram sob este acontecimento antes que, por morte do testador, o testamento pudesse ser aberto e conhecido. Nunca mais volvera Alves a falar-me em tal assunto, se bem que nossas relações seguissem assíduas, tendo ele continuado a ser meu editor e eu a ser seu advogado... Certa manhã... fui surpreendido com a notícia de sua morte. O segredo que encerrava o testamento e de cuja extensão eu não fazia ideia, caiu, então, como uma notícia inacreditável no domínio público.”

Rodrigo Octávio – *Minhas Memórias dos Outros* (Nova série)

P. 74. 1935.

II

NA CASA DE ALVES

“Eu tivera a fortuna de, bem cedo, conhecer Francisco Alves logo que vim, bacharel de fresco formado, tentar a iniciação de meus passos de advogado. Levava-me à sua casa, então à Rua Gonçalves Dias, Carlos de Carvalho, o grande jurisconsulto, meu velho e saudoso mestre, que nela me deu crédito. E bem me lembro que algum tempo depois, após uma missa de sétimo dia, em S. Francisco, ainda o meu velho mestre e amigo levou-me a almoçar no armazém de Alves. À mesa sentaram-se ainda, além da dedicada companheira do livreiro, entre outros, Sílvio Romero, já glorioso, e Felisbelo Freire, desconhecido, recém-chegado da província.

Alves simpatizou comigo; ofereceu-me um desconto nos livros de que precisasse; a ele devo o incremento que pude dar aos livros que vi-eram de meu pai, e desde então jamais cessaram nossas relações.”

Rodrigo Octávio – *Ob. cit.* p. 77.

III

MEDEIROS E ALBUQUERQUE E UM GESTO DE ALVES

“Lembro-me – é uma pequena anedota característica – que certa vez, chegando da Europa, tive no dia imediato um memorândum da Livraria para aí receber 800\$000. Estranhei. Quando eu me preparo a lembrar-me dos meus devedores e estendo gravemente qualquer das mãos para os contar pelos seus dedos, verifico invariavelmente que sobram cinco...

Fui à livraria. O caixa me disse que eu tinha apenas de passar o recibo. Respondi-lhe que devia ser engano, porque não me sentia credor de nada, e subi para interrogar Alves.

Ele me explicou o caso.

– Um homem, disse-me, que chega de viagem vem quase sempre com muito pouco dinheiro. Ora, eu mandei ver quantos exemplares havia dos seus *Pontos de Vista* e verifiquei que para acabar o primeiro milheiro faltam pouco mais de cem volumes. É coisa para rápidos dias. Daí o ter mandado pagar logo os seus direitos sobre o segundo milheiro.

O fato não é sublime. Revela, porém, a delicadeza habitual de sentimentos do velho livreiro. Delicadeza e honestidade.”

Medeiros e Albuquerque – *Homens e Coisas da Academia* –
p. 137. 1934

IV

UMA RECORDAÇÃO DE RAMIZ GALVÃO

“Conheci-o pessoalmente (Francisco Alves) há mais de 40 anos, livreiro operoso (e por que não dizer também?), livreiro rabugento, atendendo com afã estudantes e professores, que todos ali encontravam, no seu vasto armazém, copioso material de estudo. Da mesma forma conheci de perto o Garnier e Laemmert, então seus principais concorrentes no comércio de livros nesta capital; nenhum deles, porém, se poderia comparar a Francisco Alves, se bem que no trato social fossem mais acessíveis e maneirosos.

Do nosso bom Alves guardo uma recordação que nunca se desfaz, e que julgo do meu dever consignar nesta hora.

É o caso do meu modesto *Vocabulário Etimológico, Ortográfico e Prosódico das Palavras Portuguesas derivadas da Língua Grega* que, ao cabo de alguns anos, conseguira ultimar.

Levei-lhe um espécime dos primeiros verbetes, e perguntei-lhe:

— Posso contar com seu apoio para a publicação desta obra que me parece útil e nova na língua portuguesa?

— Sem dúvida, respondeu logo, nem me atrevo a examinar o trabalho. Traga-mo quanto antes, e como nas nossas tipografias não há compositores idôneos nem recurso de material para a ampla transcrição das raízes gregas, mando compor a obra em Paris.

E assim se fez, lavrando-se um contrato razoável e equitativo, que foi cumprido à risca e com a maior lisura.”

Revista da Academia Brasileira de Letras — Vol. 45. p. 480. 1934.

V

A INSISTÊNCIA DO CAIXEIRO

“Não raro os empregados do balcão – porque tal era a regra da casa – se viam forçados a gritar lá para cima, pedindo indicações sobre assuntos que lhes eram estranhos ou lhes suscitavam qualquer dúvida. Certo dia, um dos rapazes assim recorreu à onisciência do chefe:

– Senhor Alves, onde temos tal tratado, assim, assim?

– Em parte nenhuma. – respondeu ele, logo de mau humor. – Essa obra está esgotada.

– Mas, senhor Alves, parece...

– Não seja burro!

Mas o freguês afirma...

E Alves desvairado:

– Diga ao freguês que não seja burro.”

João Luso – *Revista da Academia* – Vol. 59. p. 287. 1940.

VI

DEDICAÇÃO PELOS LIVROS

“Em verdade, eu não fui quase nada na vida de Francisco Alves. Mas sempre fui alguma coisa. Fui seu senhorio... Subloquei-lhe a minha residência... E por inacreditável que pareça esta história de um mero trabalhador braçal das letras explorar, reduzindo-o a inquilino, o comerciante abastadíssimo que já era Francisco Alves, nada mais verídico – e eis como as coisas se passaram. Por motivo da guerra de

1914... vi-me de repente em horrorosas dificuldades financeiras. Dois jornais para que eu trabalhava tinham resolvido... adotar o regime da mais severa economia... suspenderam toda a colaboração literária. Desprovido, de um momento para outro, dessas duas minguadas fontes de receitas, que poderia eu fazer para equilibrar o orçamento? Reduzir as despesas? Dificílimo... Lembrei-me de passar a casa, com os móveis, a alguém de confiança, e ir morar numa pensão cuja tabela estivesse de acordo com as circunstâncias do momento... Pus anúncio... Ao terceiro dia, porém, apareceu-me Mme. Alves. O opulento livreiro que passava o verão nas Paineiras, tinha, na véspera, brigado com o dono do Hotel dos Estrangeiros que não lhe reservara os costumados aposentos de inverno. E quando Alves, num de seus conhecidos rompantes geniosos, resolvia alguma coisa, ia positivamente às do diabo. Daquela vez, cortou, não só com o Hotel dos Estrangeiros, mas com todos os estabelecimentos do gênero na Capital da República. E, mediante a informação da esposa de que a casa servia, tomou-ma pelo meio ano anunciado...

Com Francisco Alves deixei tudo que a morada continha, inclusive os livros. Não eram muitos, dado a minha profissão, nem monetariamente valiam grande coisa... Mas eram os meus livros. Pois bem: para Francisco Alves eram mais do que isso e mais do que tudo: eram livros. Vim depois a saber até que ponto ele levava o cuidado, o respeito, o amor, a devoção do livro. As criadas da casa que lá ficaram à nossa espera, contaram-nos depois os extremos daquele sentimento religioso. O frenético trabalhador que, às sete da manhã, com bom ou mau tempo, partia para a sua loja, esquecendo, no terror de chegar tarde, ora de meter a carteira no bolso, ora de tirar o guarda-chuva do cabide, e chegando a sair sem os óculos e a dentadura. — não deixava nunca de deitar às estantes um olhar de zelo e vigilância iniludíveis...

Mostrou-se, lá em casa, para tudo o mais, um patrão cheio de benevolência, se não por completo indiferente; não lhe bastavam, porém, os exames a que, nas duas estantes da sala, procedia e cujos resultados nada lhe deixavam a desejar. Para ver se apanhava os empregados em falta, interrogava-os de surpresa, com um ímpeto que os forçaria a confessar a falta mais ligeira: – ‘E os livros? Tem-nos limpadado bem, e as prateleiras, e tudo como deve ser? Vejam lá, hein? Se chego a descobrir que’... E talvez por não lhe acudirém os termos com que exprimir exatamente, e em voz alta, a punição que a tão criminosa negligência desejaria aplicar, interrompia a frase, abandonava a meio o café matinal e abalava para o seu trabalho.”

João Luso – *Revista da Academia*— Vol. 59. p. 283. 1940.

VII

O LIVRO DE GUSTAVO BARROSO QUE SE ESGOTOU MAIS DEPRESSA

“Conheci-o pessoalmente de perto. Fui dos raros que lhe mereceram uma acolhida no dizer de Fernando de Magalhães. Publicara *Terra de Sol*, em 1912. Meu editor, o falecido Benjamim de Aguiar fizera a Livraria Alves distribuir o volume. Creio que o velho livreiro se interessou pelo seu êxito. Em fins de 1913, ao sair a segunda edição, o meu saudoso amigo Aderbal de Carvalho, advogado e escritor, que era da privança de Alves, convidou-me a vê-lo.

Aconselhou-me:

– Vamos, ele tem curiosidade em conhecê-lo. Talvez edite um livro.

A isca era por demais tentadora para um homem de letras que começava a carreira e pouco havia passado dos 20 anos. Embora já me houvessem pintado o comerciante como um grosseirão, uma fera, fui. Pela primeira vez, subi a poeirenta escada de madeira que leva ao primeiro andar do prédio da Rua do Ouvidor. Na porta que dá para a rua, num âmbito apertado, algumas empregadas curvadas para os borradores e papéis comerciais. Prateleiras altas e toscas pejadas de pacotes de edições. Pequenas caixas de madeira subindo e descendo em correntes, rumorosamente, com as encomendas pedidas aos depósitos pelo balcão. Um cofre de ferro com o tope cheio de livros e de pó. Uma carteira coberta de brochuras, de embrulhos, de papeladas, de poeira. E uma gritaria, como de jandaias ou curicas em roçado, enchendo tudo. Uma gritaria fanhosa, matraqueadora, horrivelmente irritada e irritante.

Procurei a sua origem e deparei por trás da carteira-pandemônio e do cofre-cafarnaum o seu autor: um homem de idade, encanecido, pequenino, de pernas curtas, cabelo à escovinha, os olhos por trás de vidros, o rosto com manchas vermelhas, quase apoplético, remexendo maços de papéis à procura de um documento. Ao mesmo tempo que praguejava por não encontrá-lo, berrava ordem aos empregados dos três andares como um capitão de sumaca. Era o comandante daquele navio de livros.

Aderbal esperou pacientemente um intervalo do berreiro e apresentou-me. Estendeu as pontas dos dedos e rosnou:

— Está bem. Se tiver um livro no gênero do que saiu, apareça. Faremos negócio.

Virou-me as costas e continuou a gritar. De volta, o meu amigo procurou destruir a minha desagradabilíssima impressão com toda a sua carinhosa influência:

– Você não avalia que coração de ouro tem o Alves. Aquilo tudo é da boca para fora. Volte lá e edite um livro com ele.

Segui-lhe o alvitre. Levei-lhe, em 1914, os originais de *Praias e Várzeas*. Assinamos o contrato de parceria, sem discussão. O livro seguiu para Portugal. Quando ficou pronto, rebentou a conflagração europeia. O navio que trazia a primeira edição foi torpedeado nas alturas das Canárias. Alves mandou-me um recado. Fui até a livraria. E contou-me o acontecido, rematando:

– Estava no seguro. Logo que receber a importância o senhor terá a sua parte.

E com um risinho:

– Foi das minhas edições a que se esgotou mais depressa.

Ia sair. Ele chamou-me e, aproximando-se, falou baixinho:

– Se precisar do cobre, diga, posso adiantá-lo.

Eu atravessava no momento um período difícil e ele sabia.

Aderbal de Carvalho tinha razão: o casca grossa possuía um coração de ouro.”

Gustavo Barroso – *Revista da Academia* – Vol. 34. p. 37. 1930.

VIII

LIVROS A MIL RÉIS O QUILO

“No entanto, esse livreiro, editor principalmente de obras didáticas, não o fora de livros de qualquer dos principais fundadores da Academia – notadamente dos livros numerosíssimos de Machado de Assis. Com alguns outros, teve relações de editor – não raro, azedas. Contaram-me que se zangou com um deles, fez juntar todos os exem-

plares restantes das suas obras, que havia editado. Espalhou-os no mostrador. Sobrepôs-lhe um grande cartaz com os dizeres: ‘Obras de F... a I\$000 o kilo’. Mais abaixo, em letras bem negras e visíveis: ‘E ainda é caro!’”

Levi Carneiro – *Revista da Academia* – Vol. 61. p. 117. 1941.

IX

TERRENO PREPARADO

“Não lhe era preciso folhear muito uma obra para saber de seu valor comercial. Tinha uma intuição natural para o assunto. Era, sobretudo, o homem que não gostava de perder tempo. Ainda nos lembramos da cena que se passou com ele e o autor de uma obra escolar. A criatura aproximou-se e quis entabolar a conversação com amabilidade:

– Sempre forte e sempre novo!

O velho Alves sorriu. Era tão difícil vê-lo sorrir. Ele sorriu, mas sobrecarregou o cenho logo a seguir e foi dizendo:

– Diga-me dessas. Vá logo expondo o seu negócio e deixe de histórias.

E voltando-se para o cavalheiro que estava perto:

– Gostam de preparar o terreno. Comigo não há disso. Pão pão, queijo queijo. Ouro é o que ouro vale.”

Jornal do Commercio (Ed. da tarde) – 29-6-1917.

X

O RAPAZ DO ALICATE

A Livraria Alves estava em alvoroço. Acontecera, decerto, qualquer coisa de muito grave. O velho livreiro foi chamado a toda pressa ao andar de baixo e, antes de saber o que era, mal-humorado, vinha praguejando em altas vozes. Qual o motivo de tamanho alarido?

Trouxeram à sua presença um jovem de 15 para 16 anos. Tinha este, com o auxílio de um alicate, tentado abrir as grades da Caixa a fim de se apoderar, sorrateiramente, de uns pacotes de moedas. Enfim, um ladrão. E um ladrão bem moço, ainda uma criança.

— Vou entregá-lo à polícia — berrava Alves furioso. — Um rapaz como você, forte, cheio de saúde, roubando... em lugar de trabalhar! É incrível!

De fato, um empregado mais afoito fora até a esquina a fim de chamar o guarda de serviço.

— Por Deus! — pedia o moço, quase chorando, — não me mande prender. Não me bote a perder. Que vão dizer os velhos? Não acharei mais emprego.

O livreiro, porém, mostrava-se intransigente:

— Não, não quero saber de lamúrias. Comigo é assim. Vou lhe dar a lição que merece. Ladrão é xadrez.

— Mas, por amor de sua mãe... não me perca...

— Quem mandou roubar... você é um vagabundo... na polícia vai ver o que é bom.

Na porta da livraria, aumentou o grupo de curiosos. O guarda chegava. O moço tremia, chorava, implorando a complacência de Alves. Decerto, já se desiludira de comovê-lo, quando Alves, apontando a porta do fundo, gritou:

– Bem. Suma-se por aquela porta.

O rapaz não esperou outro aviso, mesmo porque o tempo urgia e, sem agradecer, dirigiu-se correndo para o local indicado. Mas, ainda bem não tinha chegado à porta de saída, Alves ainda o chamou:

– Olá, rapaz, leve o alicate que ele é seu.

XI

DA LIVRARIA AO CAFÉ

“Pequenino, nervoso, sempre a ralar e a descompor os empregados, olho na loja, atenção voltada para a vultosa correspondência das duas filiais e da numerosa freguesia espalhada por esses Brasis, atendendo ainda um rebanho grande de encadernadores, tipógrafos, vendedores de livros e agenciadores de anúncios...

De repente, parava todo trabalho, levantava-se da secretária, ajeitava os óculos e abria a torneira:

– Quem foi a besta que informou a um freguês estar esgotada a *Filosofia de Barbe*? Esgotada anda a caixa dos miolos de vocês todos...

Às 14 horas, perfiladinho, ia tomar o seu café no velho Brito, às vezes acompanhado dos filantes, como o Tancredo ou o Aurélio Valverde...”

Tancredo Paiva.

XII

LIVROS FIADOS

Alves só vendia livros a dinheiro. Negócio era negócio. Não fiava a ninguém, nem aos melhores amigos. Era uma questão de princípio. Certa vez, foi procurado por um deles que desejava abrir uma conta. Estava sem dinheiro no momento, mas, no começo do mês, pagaria a dívida.

Alves interrogou:

– Quanto quer você mais ou menos de livros?

O amigo fez o cálculo e lhe disse aproximadamente a quantia.

O livreiro tirou do bolso um livro de cheques, assinou um deles com a quantia indicada:

– Aqui tens o dinheiro. Vá lá embaixo e compre o que quiser. Se não chegar, venha me falar que darei outro cheque.

Alves era assim. Este fato, aliás, vem desfazer uma lenda muito propagada. Contam que Rui Barbosa, no começo da vida, fez uma grande conta na Livraria Alves. Muitos anos depois, verificando que ainda não a tinha pago, o famoso acadêmico se dispôs a liquidá-la. Alves, porém, nada quis receber. É, decerto, uma lenda lisonjeira para um e para outro, mas infelizmente mentirosa*.

* 🌀 Paulo do Azevedo diz que, em vida de Alves, nunca ouviu nada a este respeito. Aliás, não há o menor vestígio da famosa conta de Rui. Rui poucas vezes fez compras na Livraria Alves.

∞ FRANCISCO ALVES,
AUTOR

I

DISCURSO DO PRESIDENTE SR.
JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES

O Regimento Interno da Academia Brasileira de Letras estabelece, em seu Artigo 10.º, a seguinte obrigação: “A 29 de junho de cada ano, efetuará a Academia uma sessão pública, em homenagem a Francisco Alves de Oliveira, cabendo ao Presidente relembrar a figura do grande benemérito.”

Francisco Alves de Oliveira, cidadão português, naturalizado brasileiro, faleceu no Rio de Janeiro, aos 29 de junho de 1917, com testamento do próprio punho, escrito 13 anos antes, e no qual declarou não ter herdeiros forçados, e por isso dispunha dos seus bens da forma seguinte: deixava tudo o que possuía à Academia Brasileira de Letras, com as seguintes obrigações: não alienar os imóveis, converter em Apólices as quantias que recebesse dos seus testamenteiros: dar uma mesada a determinada pessoa; e:

“fazer, de cinco em cinco anos, dois concursos, um sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil; outro sobre a língua portuguesa, dando às monografias que obtivessem os primeiros lugares dez contos de réis de prêmio a cada uma, às que obtivessem o segundo lugar, cinco contos de réis a cada uma, e às que obtivessem o terceiro lugar, três contos de réis a cada uma.”

A Academia Brasileira de Letras tem cumprido rigorosamente as disposições testamentárias de Francisco Alves de Oliveira, e nesta tarde, 25 anos depois de sua morte, estamos reunidos para relembrar sua

memória, na festa em que serão entregues os prêmios dos vencedores dos concursos acadêmicos.



Muito se tem dito nesta Casa sobre o livreiro Francisco Alves de Oliveira. Ressoam, ainda, em nossos ouvidos a interessante oração do meu ilustre antecessor, o eminente Sr. Levi Carneiro. Entretanto, os biógrafos do nosso grande Mecenas não tiveram oportunidade, que eu saiba, de fixar o interessante aspecto do livreiro como autor de obras que lograram grande aceitação. Um dos mais conceituados bibliógrafos brasileiros, o Sr. Tancredo de Barros Paiva, no seu estimado livro, não identificou os pseudônimos *Guilherme do Prado* e *J. de Oliveira*, mas quando lhe mostrei os elementos que tinha para apresentar Alves como autor de livros didáticos, ele mostrou-me as notas que já havia recolhido sobre algumas das obras do livreiro.

O maior benfeitor da Academia era homem bastante inteligente, dotado de prodigiosa memória. Tinha de cor todos os volumes da sua livraria, e também onde eles se encontravam nas prateleiras da casa. Assíduo leitor e convivendo diariamente com pessoas ilustradas, Francisco Alves de Oliveira tornou-se um homem relativamente culto e soube aproveitar os seus conhecimentos, compondo ou adaptando obras que a sua livraria editava.

Max Fleiuss, o Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e, sem dúvida, um dos mais abalizados historiadores brasileiros, recordou-me nomes ilustres que conviveram intimamente com Francisco Alves, entre eles: Sílvio Romero, João Ribeiro, Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Afrânio Peixoto, Rodrigo Octávio, Barão Homem de Melo, Francisco Pinheiro Guimarães, Felisbelo Freire, Artur Orlan-

do, Félix Ferreira, Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho, Tobias Monteiro, Otelio de Sousa Reis, e outros, sem contar o grande amigo de Alves, Dr. Teófilo das Neves Leão, que foi por largos anos Secretário da Inspetoria da Instrução Pública. Basílio de Magalhães, sócio eminentíssimo do Instituto Histórico, lembrou-me outro grande amigo de Alves, o ilustre Francisco Ramos Paz, também benemérito desta Casa, o criador do Prêmio Ramos Paz.

É sabido que, em fevereiro de 1882, Francisco Alves de Oliveira entrou para a firma constituída por seu tio e protetor, Nicolau Antônio Alves, e pelo Sr. Antônio Joaquim Ribeiro de Magalhães, pai do saudoso Dr. Teodoro Magalhães e do nosso eminente confrade Sr. Fernando Magalhães. Pouco durou a sociedade que dirigia a “Livraria Nicolau Alves”. Retirando-se o sócio Magalhães e comanditando-se Nicolau, Francisco Alves de Oliveira assumiu inteira responsabilidade na direção da livraria. Sua vida foi cheia de trabalhos, de lutas, de preocupações, mas afinal uma vida coroada de êxitos. Felizes os que triunfam pelos seus próprios esforços! O seu longo tirocínio se fez no balcão e no escritório. Acompanhava de perto a ação de seus empregados, mas cuidava com muito carinho do aspecto literário da sua profissão. Era ele quem escolhia os livros que a casa encomendava para seu sortimento e quem selecionava os manuscritos para serem editados. Foi talvez o encanto pelas crianças que o levou a cuidar pessoalmente de livros didáticos, tornando-se autor de obras que compunha ou adaptava para uso dos escolares.

No ano de 1887, com o pseudônimo de *Guilherme do Prado*, Francisco Alves de Oliveira publicou dois livros: *Trechos dos Autores Clássicos*, adotados pelo Governo para os exames gerais de preparatórios em 1887, que em 1895 já estava em 3.^a edição; e *Princípios de Composição, Descrições, Narrações, Cartas*, etc., segundo o programa do Governo.

Black, desconhecendo o pseudônimo de Francisco Alves de Oliveira, diz em seu *Dicionário*, vol. 3.º, pág. 199: “Só conheço este autor pelas seguintes obras que publicou”, e cita os dois livros acima mencionados.

Foi na Biblioteca Nacional, graças à alta capacidade de servir de seu grande Diretor, o nosso muito ilustre confrade Sr. Rodolfo Garcia, que consegui examinar os dois únicos exemplares de que tenho notícia, das obras de *Guilherme do Prado*, ou melhor, de Francisco Alves de Oliveira.

O autodidata dedicou-se principalmente ao estudo das línguas. Falava francês correntemente; conhecia o italiano e o inglês. Com o pseudônimo *F. de Oliveira*, que mal encobria o seu verdadeiro nome, Francisco Alves de Oliveira adaptou ao uso dos brasileiros o conhecido método do Dr. F. Ahn, para aprender o francês. Cinquenta e duas edições espalharam no Brasil muitas centenas de milhares da excelente obra. A própria casa editora, nos últimos anos, como que desejou tornar conhecida a autoria da adaptação do livro. Assim é que, na 50.ª edição, de 1940, na capa consta o pseudônimo *F. de Oliveira*, mas no frontispício está escrito *Francisco de Oliveira*. Na 52.ª edição, de 1941, quer na capa quer no frontispício, lê-se *Francisco de Oliveira*.

Francisco Alves de Oliveira adaptou também os pequenos manuais do Dr. F. Ahn para a língua inglesa e a italiana, que já alcançaram, respectivamente, a 31.ª e a 9.ª tiragens.

A atividade literária de Francisco Alves de Oliveira não se limitou à leitura da seleta, do manual de composições, e à adaptação dos pequenos manuais de Ahn. Em colaboração com J. Monteiro, pseudônimo de seu sócio de Paris, Sr. Júlio Monteiro Aillaud, e de J. Benoliel, e oculto ainda pelo pseudônimo de F. de Oliveira, publicou Alves o *Dicionário Prático Francês-Português*.

O nosso eminente e querido confrade João Luso, em discurso pronunciado em 1940, referiu-se de passagem a este dicionário, quando, aliás pela primeira vez na Academia, alguém aludiu a Alves – autor.

Ainda com um pseudônimo – F. de O., lançou Alves, em 1913 – aumentando-a – a 4.^a edição da *Gramática da Língua Portuguesa*, de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade.

Francisco Alves de Oliveira dedicava-se também com entusiasmo aos estudos de Geografia e de Arqueologia. O Sr. Paulo de Azevedo fez-me portador de uma pequena relíquia para o nosso museu: o botão distintivo de sócio efetivo da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da qual Francisco Alves de Oliveira fazia parte desde 1883.

Em colaboração com o seu sócio de Paris, Sr. Júlio Monteiro Aillaud, o nosso grande benfeitor publicou uma série de Atlas de Geografia, nos quais ele assinava J. de Oliveira. Estes Atlas foram mais tarde revistos pelos professores Olavo Freire e L. Schwalback.

Contou-me o distinto Sr. Paulo de Azevedo – antigo gerente na filial de São Paulo, depois companheiro de trabalho no Rio de Janeiro, e por último seu sucessor na chefia da Casa – que Francisco Alves de Oliveira sonhou presentear o povo brasileiro, por ocasião das comemorações do centenário da Independência, com um Atlas Geográfico do Brasil que rivalizasse com o *Grande Atlas de Geografia Moderna*, de Stieler, ou com o *Atlas Geral de História e Geografia*, de Vidal de la Blache.

Preparou o plano da obra magistral. Mandou fazer em França as primeiras cartas. Já a casa editora havia gasto cerca de 60 contos de réis, quando, em 29 de junho de 1917, faleceu Francisco Alves de Oliveira.

Com a responsabilidade da chefia da casa, e verificando que a livraria teria de gastar outro tanto ou mais do que o despendido, Paulo de Azevedo propôs lealmente ao Governo editar o Atlas, oferecendo o

dilema: receber um auxílio para publicar a obra, ou entregá-la ao Governo, reservando-se apenas um certo número de exemplares, para cobrir parte das despesas já feitas. Nada se decidiu, e o sonho de Alves não se converteu em realidade.

Eis aí, meus senhores, um fato novo para o nosso sodalício. Tínhamos o livreiro Alves, amigo e editor de muitos dos nossos maiores acadêmicos. Temo-lo grande benfeitor da própria Academia, e, por seu intermédio, benemérito animador das letras nacionais. De agora em diante, o teremos também no rol dos autores nacionais, figurando, ainda que modestamente, na lista dos que trabalharam para o edifício da nossa cultura.

Revista da Academia — Vol. 63. Página 223. 1942.

∞ OPINIÕES SOBRE
FRANCISCO ALVES

I

“O atívisimo editor economizou para o futuro; foi o banqueiro dos imprevidentes, desfazendo, com seu gesto de além-túmulo, a lenda da avareza das formigas, legando às cigarras o seu farto celeiro.”

Coelho Neto – *Gazeta de Notícias* – 2-7-1917.

II

“Sabe que fui muito amigo do Alves? Muito amigo, de muitos e muitos anos... Todos os meus livros, absolutamente todos, estão na casa Alves. E o velho editor sempre me mostrou um grande afeto de que tive muitas provas. Conversávamos frequentemente sobre livros, sobre coisas da casa e do país; mas o meu velho amigo nunca me falou de suas disposições testamentárias. Este testamento foi para mim uma grande surpresa. Há muito tempo, o Alves disse-me que desejava promover a ereção de uma estátua de Gonçalves Dias na capital da República, encarregando-se ele de todas as despesas; e queria ainda imprimir uma edição monumental da obra poética do autor de “I-Juca-Pirama”, sendo feita por mim a revisão. Era uma ideia fixa, porque constantemente o Alves voltava a este assunto, durante as nossas entrevistas. Cheguei a principiar o trabalho, estudando e cotejando as edições das *Poesias*, que estão cheias de erros... Agora, a morte do grande admirador de Gonçalves Dias veio malograr o sonho da estátua e da edição monumental.”

Olavo Bilac – *A Noite* – 1-7-1917.

III

“O ato de Francisco Alves é o melhor exemplo que conheço a ser imitado por tantas criaturas materiais e riquíssimas que ao cerrarem os olhos, possuidoras de grandes riquezas, são incapazes de se elevar a inspiração de tão superior alcance.”

Félix Pacheco – *A Noite* – 30-6-1917.

IV

“É um ato de grande generosidade de um homem ligado às letras; um ato que honra e dignifica imenso aquele que o praticou.”

Dantas Barreto – *Gazeta de Notícias* – 1-7-1917.

V

“Com que gula Balzac o detalharia! Imaginai uma autoridade, um tremendo temperamento de chefe com o egoísmo de mandar e decidir acirrado por um poder sempre crescente, e que fosse, no fundo, surdamente, um rebelde, um revolucionário com a certeza do socialismo pelo trabalho; imaginai uma criatura esmagada pelo férreo regime do comércio português de há cinquenta anos e desejando manter isso que achava certo, mas levado a erguer o peso numa obra enorme de tendência *yankee*, despejando a herança num inofensivo despotismo vocabular; imaginai a inteligência inculta⁶ fazendo a sua fortuna da inteligência dos outros e indo secretamente das induções da prática ao estudo dos livros que vendia; imaginai um meticuloso com a máxima: “tudo no seu lugar e no seu tempo”, organizando confusamente a or-

dem da desordem ao ritmo de sua personalidade; imaginai um prático sufocando o idealismo da conquista que lhe bate no coração, uma tremenda consciência de seu valor com a prudência de jamais confessar, com a nítida percepção do ridículo; pensai no dono de uma loja que fez uma grande firma e que morre com a certeza imperial de ir fazê-la um colosso mundial. Balzac poderia pintá-lo. Outro qualquer faria de Alves um ser inverossímil.”

Paulo Barreto (João do Rio) – *O País* – 30-6-1917.

VI

“A cada torneio anual em que se empenham os concorrentes à láurea acadêmica, ele (Francisco Alves) participa da glória dos vencedores.”

Augusto de Lima – *Revista da Academia* – Vol. 28. Pág. 377. 1928.

VII

“Com a intervenção da Academia na alfabetização do Brasil, o nome de Francisco Alves terá a mesma benemerência imperecível dos fundadores da nossa nacionalidade, que só se afirmará definitivamente quando o povo tiver a consciência de si mesmo, isto é, quando for educado e souber ler.”

Augusto de Lima – Revista citada – Pág. 378.

6 ☞ Paulo Barreto não sabia, como quase todo o mundo, que Alves era também autor. Isto, aliás, só foi divulgado e esclarecido recentemente num discurso de J. C. de Macedo Soares.

VIII

“O nome de Francisco Alves deve ser todos os anos lembrado por entre os fogos festivos da noite de S. Pedro, com veneração e com amor.”

Gustavo Barroso — *Revista da Academia* — Vol. 42. Pág. 347. 1933.

IX

“[...] o benemérito Francisco Alves que se ausentou da vida, deixando um rastro luminoso de sua passagem, e que oxalá encontre imitadores.”

Ramiz Galvão — *Revista da Academia* — Vol. 45. Pág. 483. 1934.

X

“Ele tinha uma regra na edição de obras literárias. Editava sem muita dificuldade o primeiro trabalho de um novo que lhe parecesse de talento. Feito isso, esperava o julgamento do público. Se este esgotava o primeiro, fazia outras edições de trabalho do mesmo autor. Se o público, porém, repudiava o escritor, ele não se julgava obrigado a ser Mecenaz. Era um modo de proceder de negociante inteligente; dava, porém, o que é difícil para um autor novo: a possibilidade de aparecer.”

Medeiros e Albuquerque — *Homens e Cousas da Academia*. Pág. 137, 1934.

XI

“[...] tratando da Academia, o nome de Francisco Alves não pode morrer numa simples referência. Ele dela tudo merece.”

Rodrigo Octávio — *Minhas Memórias e dos Outros* (Nova série). Pág. 74, 1935.

XII

“Enclaustrado nas suas cogitações, poucos penetravam-lhe na intimidade, raros mereciam-lhe uma acolhida; ressumava azedume; era avaro de agrados, áspero nos conceitos; homem de poucos amigos, raras palavras, de desejos mínimos; mas atilado, perspicaz, laborioso, venceu pela fidelidade ao trabalho ininterrupto.”

Fernando Magalhães — *Revista da Academia* —
Vol. 30. Pág. 510. 1929.

XIII

“Nestes homens que põem, embora lucrativamente, o livro ao alcance da curiosidade e da ignorância, há sempre um grande e involuntário benfeitor. Convicto disso, Francisco Alves resolveu, com uma parte de seus haveres, provocar os entendidos na solução do melhor e mais rápido processo de ensinar o Brasil a ler.”

Fernando Magalhães — *Revista citada*. Pág. 510.

XIV

“Esta Academia, o seu programa, a sua atuação, o seu quilate, as suas recompensas, tudo recorda o velho Alves, que passou a existência sumido dentro de si mesmo, mas que a morte transfigurou, garantindo-lhe o nome, merecedor de lembranças que voltamos à sua dignidade.”

Fernando Magalhães – Revista citada. Pág. 511.

XV

“[...] bem poucos como ele, soube construir o seu destino.”

Fernando Magalhães – *Revista da Academia*. Vol. 39. Pág. 340.

XVI

“Há uma admirável energia neste homem, revelado depois de desaparecido. Por si, apurou-se e afortunou-se. À sua volta, muita gente de estirpe murchou.”

Fernando Magalhães – Revista citada. Pág. 340.

XVII

“Francisco Alves fez mais do que reencaminhar para os livros o que dos livros lhe viera. Abriu um precedente que, sendo mínimo, ainda



Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro

seria glorioso. Como iniciativa pessoal e espontânea, tornou-se o precursor, entre nós, de uma espécie ou de um ramo de generosidade intelectual. De vulto considerável e feição exemplar, foi o primeiro bandeirante do ‘mecenismo’ literário no Brasil.”

João Luso — *Revista da Academia*. Vol. 59. Pág. 289. 1940.

XVIII

“Francisco Alves vivia, nos últimos tempos, assediado por diretorias e comissões que o exortavam a repartir com maternidades, hospitais, asilos, o foliar opulentíssimo destinado a esta afilhada única: a Academia. Debalde, as delegações ou os altos intermediários buscavam as ocasiões que mais acordes lhe parecessem para o demover da resolução já tomada. O Sr. Tobias Monteiro, que amiúde conversava com ele no retiro estival das Palmeiras, presenciou mais de um desses empreendimentos cada vez mais poderosos, mais ardorosos e a que, sem muita impropriedade, poderíamos qualificar de aguerridos. Francisco Alves, falando sempre pouco para não dar ensejo a discussão, retrucava que não podia. Se, porém, o obrigavam a aduzir alguma razão, a alegar alguma coisa, acrescentava já em tom irresponsável: “Os livros me valeram a fortuna, aos livros a restituo. Nem mais nem menos”. A Academia, como sendo a mais alta representação do livro e do que o Livro possa conter, tal a herdeira exclusiva daqueles bens granjeados e acumulados numa livraria.”

João Luso — *Revista citada*. Pág. 288.

XIX

“O magnânimo livreiro merece dos psicólogos retrato artístico... Falta-me capacidade para executá-lo. Esse homem singular, magro, áspero, e ativo, guardava no fundo da alma grandes ideais. O livro foi-lhe a essência. Tinha a mística dos grandes autores. Admirava com sinceridade os maiores escritores brasileiros e às vezes cordialmente os amparava. Possuía sentimentos filantrópicos que se evolavam oculta-mente da fisionomia severa e pouco atraente. Operoso e irritadiço, para ele só havia um amigo dileto que era o trabalho. Não ia a festas, teatros, passeios, nem folganças. Labuta, casa; casa, labuta. Tipo de misantropo. Tipo estranho. Tipo único.

Transplantou-se de Portugal para o Rio, e aqui se fixou e enraizou-se. Não computara amizades íntimas; não cultivava a parentela.

Modesto solitário! Mal indumentado: fraque cinzento, colarinho duro, gravata preta de laço pequeno, óculos de ouro. Ralhava, gritava com os empregados. Amava-os, porém, como membros da família. Quase todos eram antigos e lá permaneceram até o último momento da vida do peregrino bibliopola.

Viveu no labor, morreu moirejando. Não era avarento, apenas operosíssimo e modesto.

Tinha pela Academia Brasileira respeito, amor e religião. Formou, entre os acadêmicos, vários amigos aos quais sinceramente amava.

Conservador em extremo, não queria que alguém lhe tocasse na mesa arrumada, respeitavam-se as teias de aranha e a poeira.

Sério, seriíssimo, não usava falsas manobras comerciais para os lucros pingues. A parcimônia formava-lhe o segredo do êxito econômico. Triunfou com honestidade e fadigas.

Pobre Alves! Alves venturoso! Pobre, porque o mundo não o interessava, era avesso aos gozos; venturoso, porque conseguiu na vida o ideal sonhado: enriquecer com perseverança e probidade.

A Academia Brasileira de Letras deve-lhe a firmeza da vida material; as letras nacionais são-lhe credoras do estímulo e do impulso que indiretamente lhe proporcionou. Francisco Alves era homem vidente e sagaz: o olhar penetrante possuía fagulhas acúspices. Adivinhava o caráter e a inteligência de outrem; possuía a fortuna das obras a editar; palpitava os talentos do escritor que dele se acercava.

Homem singular, ríspido, íntegro, solitário, laborioso, modesto, inteligente, agudo e poupado. Raramente adoecia. Sóbrio nos alimentos, comedido nos gestos, rítmicos nas obrigações, cedo estava na livraria, tarde dela se retirava. Motor automático. Máquina de gás pobre, mas de grande rendimento. Esquizotímico. Irascível, generoso. Talvez mau para si; bom para muitos; honesto como poucos.

Há no domicílio de sua alma, que é esta Academia, fotografia, busto, inscrições que lhe lembram a memória; porém há sobretudo o éter permanente de seu idealismo, do amor por esta instituição, do respeito que tinha pelos homens de saber e de talento; há as vibrações de sua personalidade ímpar, entre todos nós, cheios de veneração, porque a sua bizarria moral impregnou esta morada da inteligência com a luz perene do bem fecundo.”

Antônio Austregésilo – *Revista da Academia* – Vol. 57. Pág. 185. 1939.

XX

“[...] a obra *sui generis* de Francisco Alves, o homem paradoxo, mas um grande luso-brasileiro.”

A. Austregésilo – *Revista da Academia* – Vol. 55. Pág. 192. 1938.

XXI

“O que a inteligência e a cultura devem a este homem-mistério não é fácil de avaliar-se. Só cogitações ponderadas poderão computar os benefícios advindos para o espírito brasileiro do gesto do livreiro filantropo.”

A. Austregésilo – *Revista cit.* Pág. 192.

XXII

“Na América do Norte há os Carnegie e os Rockefeller, porém, que eu saiba, Francisco Alves foi o primeiro habitante do solo brasileiro que entregou a totalidade simbólica de sua vida de trabalho para a realização de um sonho que tem sido tão eficiente ao Brasil Intelectual.”

A. Austregésilo – *Revista cit.* Pág. 193.

XXIII

“Numerosas edições de obras didáticas, revelando eméritos docentes, atestam a sua preocupação pela instrução pública, corroborada por expressas determinações da última vontade em prol do ensino primário e cultivo da língua. Exercia discreta caridade. Franqueava farta mesa a quem o procurava, especialmente a estudantes pobres. Destacava-se pela tenacidade, energia, clarividência, pelo raro dom de saber mandar e fazer-se obedecido. Nunca perseguiu ou lesou a ninguém, nem se lhe aponta um ato de indelicadeza moral. Basta o seu gesto espontâneo e magnânimo relativamente à Academia, gesto excepcional em todo ponto e único entre nós, para o tornar credor da grata admiração, não só do instituto beneficiado, como também de todos os amigos das letras.”

Afonso Celso — *Revista da Academia*. Vol. 48. Pág. 432. 1935.

XXIV

“Segundo afirma o poeta Rainer Maria Rilke, intuitivamente, a morte resignada ou estrepitosa, suave ou terrível, discreta ou violenta, corresponde ao feitio, à essência, ao determinismo secreto do indivíduo. Cada qual traz consigo, impressa no âmago do ser, misteriosa e dominadora, a fisionomia de sua morte, como o destino a prefigura e delinea.

Não sei bem se a do editor Francisco Alves lhe quadrou em tudo ao caráter do esquisitão, resmoneando entre os autores modernos e clássicos da livraria, onde o temiam caixeiros e clientes. Fosse o comple-

mento lógico ou o derradeiro ilogismo daquela existência de solitário empedernido na dureza do trabalho ininterrupto, no deserto das horas monótonas, revelou a morte, porém, com inesperado fulgor no seu crepúsculo, um ideal de beleza a derivar para o dinamismo da cultura e da arte, como deriva em silêncio, através da rocha, um fio d'água subterrâneo para a luz solar.”

Celso Vieira – *Revista da Academia*. Vol. 59. Pág. 272. 1940.

XXV

“Não são, em verdade, desconexos, como podem parecer, os dois objetivos desta sessão – comemorar o falecimento de Francisco Alves de Oliveira e distribuir os prêmios literários do ano último.

Antes de tudo, porque Francisco Alves conferiu o mais valioso prêmio literário que já se outorgou no Brasil e, por certo, na América do Sul. Fazendo esta Academia herdeira de toda a sua grande fortuna, de todo o fruto do seu trabalho de longos anos, atribuiu-lhe um prêmio, recompensa e estímulo preciosos, também prova de confiança e encargos onerosíssimos.

Por sua beleza singular, esse dispositivo testamentário merece mais que a nossa singela comemoração, suscetível de parecer inspirada apenas pelo reconhecimento, ou pelo interesse pessoal: deveria provocar homenagens dos poderes públicos, de mais larga repercussão. No entanto, somente há menos de um ano, graças à iniciativa de meu egrégio antecessor, Sr. Celso Vieira, e à esclarecida compreensão do digníssimo Prefeito Municipal, Sr. Henrique Dodsworth, honrou esta cidade a memória do benfeitor, dando-lhe o nome a uma escola primária. Nas comemorações de hoje, avultaria a inauguração dessa escola e a

instituição dos prêmios, que a Academia vai conferir a seus alunos, aplicando a verba consignada no nosso orçamento vigente. Assim não pode ser, todavia, porque, apesar do empenho do ilustre Secretário de Educação e Cultura, Sr. Pio Borges, não estão concluídas as obras de reconstrução do edifício em que terá sede a nova escola.

Limitamo-nos, pois, às homenagens costumadas – a visita ao túmulo de Francisco Alves e a sessão atual.

À modéstia de Francisco Alves, quando não às exigências de nossa gratidão, pode bastar esse pouco.

Todos os frequentadores de livrarias, no tempo dele, passados 24 anos de sua morte, ainda lhe lembramos a figura inconfundível. Todos o víamos sempre, à testa do seu negócio, dirigindo-se aos fregueses como se fosse um simples caixeiro, mas revelando logo que o não era, pela rispidez com que repreendia as faltas dos outros, dos que em verdade o eram. Baixo, magro, cabelos embranquecidos, óculos de aros de ouro, movimentava-se entre os balcões, as estantes, os clientes, interpellando cada um destes, indo buscar os livros desejados, ralhando, rezingando. Alguma vez, eu mesmo, tendo pedido um livro qualquer, depois da resposta negativa do caixeiro, o vira intervir, repreendendo: – O Silabário de Felisberto!... Como não temos? Venha cá, seu vadio! Aprenda a ver!... E enquanto ele desaparecia nos fundos da loja, seguido pelo caixeiro, pensava eu: – Porque este velho avarento não há de estar tranquilamente numa chácara dos subúrbios, em vez de estar aqui a se arreliar? Por que? Eu não sabia. Sabia-o ele, que se ria de mim, se o interpellasse: e continuou até a última hora, empolgado pela ânsia de ganhar, de lucrar, de poupar, de entesourar – para quê? para fazer o patrimônio da Academia Brasileira de Letras...

Durante 13 anos, teve o testamento, que a favorecia, escrito, legalizado, ao alcance da sua mão, que o poderia destruir em um momento. Manteve-o inalterado.

Dias viriam em que me caberia votar sobre esses bens: chegaria a incumbir-me da gestão de todos eles. Francisco Alves está bem vingado da minha maldade. Não; ele não era um avarento.

Nos Estados Unidos, são frequentes os casos de milionários que, em vida, aplicam grande parte de seus bens em obras de assistência social, de cultura, de educação pública. Entre nós, raras as realizações de tal gênero, menos o são as que se efetivam *post mortem*. Não são muito poucos os que passam a vida, miseravelmente, em privações de toda a sorte, amealhando tostões, sofrendo a pecha da avareza — e, depois da morte, como que se desforram, destinando todos os seus bens a atenuar sofrimentos ou a difundir a cultura.

Direis que são estes os verdadeiros avarentos, que ignoram, de todo, a satisfação íntima de dar, de favorecer, de criar obras duradouras de beneficência, que se privam desse prazer pelo do aferramento aos bens materiais, até o último dia da vida. Ainda regulam, meticulosamente, o destino desses bens depois da sua morte. Alguma vez, a aplicação determinada nas verbas testamentárias traduz, apenas, o mesmo empenho de lhes não permitir a livre disposição por herdeiros ou legatários.

As instituições de duração longa, ou eterna, merecem, só por isso, preferência sobre a gente de carne e osso, que passa rapidamente. Rodeiam-se as disposições de cláusulas restritivas da faculdade de alienação, algumas das que o nosso Direito ainda mantém — como o fideicomisso e o usufruto — ou procuram-se frustrar as normas legais que limitam, através das gerações sucessivas, o alcance dessas cláusulas.

Como quer que seja, Francisco Alves não fez isso, ou não fez só isso. Animava-o certa dose de idealismo – abnegado, tenaz, construtivo. Um idealismo prático – se se pode dizer assim – de que resultou uma criação opima: larga, eterna messe de benefícios. Um idealismo raro, lamentavelmente bem raro...

Francisco Alves coroou a sua árdua e humilde vida laboriosa, deu-lhe objetivo e alcance inesperados, revestia-a de expressão nova, fazendo sua herdeira universal uma associação literária, criada havia sete anos, que nem tinha sede e só realizara pouco mais que quatro, ou cinco, solenidades de recepção de novos associados. Ele mesmo, ao dispor de seus bens, previa a extinção da Academia.

Assegura-lhe, porém, a vida e o êxito. Exime-a, para sempre, de todas as preocupações de ordem material: habilita-a ao desempenho de alta missão cultural. Confia-lhe, integralmente, todos os bens, acumulados em mais de meio século de trabalho exaustivo. Seu gesto não tem precedente, nem similar entre nós. Esquece todos os companheiros e parentes; equivoca-se ao favorecer a própria companhia de tanto tempo e a Academia teve de corrigi-lo, quadruplicando e transformando em mensalidade vitalícia o que era minguado legado.

.....
.....

Sua determinação não se inspira, pois, em motivos pessoais; resulta da compreensão exata, da antevisão do que poderia ser a Academia, até então desamparada – e é o que devemos, acima de tudo, louvar-lhe; esse o melhor título de sua benemerência.

É também um título à nossa gratidão. Não nos iludamos, porém. Transferindo-nos a sua fortuna, não nos proporcionou um regalo; cri-

ou-nos maiores obrigações; habilitou-nos a atingir nossos objetivos, avultou, portanto, nossas responsabilidades. Tanto mais fácil tornou a ação que podemos desenvolver, em benefício das letras e da cultura nacional – quanto mais grave, e imperdoável, será a deficiência da ação, que efetivamente desenvolvemos nesse sentido.

Poderia considerar-se satisfeito o zelo de um avaro. Os bens aí estão, valorizados, acrescidos. A Academia tem apenas aplicado os seus frutos. É o seu direito. Direi, até, que é o seu dever – aplicando-os bem, a mãos largas, com o mesmo nobre pensamento do testador.

É a Academia como que um administrador – um *trustee*, conforme se diz em Direito inglês, numa palavra em que se destaca o elemento da confiança; um “fiduciário”, segundo se poderia dizer em nossa técnica jurídica, se a palavra não tivesse já outra acepção.

Francisco Alves confiou na Academia. Confiou-lhe a realização de um ideal. Saiba ela, saibamos nós, corresponder a essa confiança. Nesta oportunidade, honrando-lhe a memória, temos de pensar no desempenho dado ao seu encargo, fazer como que uma prestação íntima de contas. E havemos de lembrar que ele não era fácil de contentar; era exigente e ríspido...”

Levi Carneiro – *Revista da Academia*. Vol. 61. Pág. 414. 1941.

XXVI

“Foi nestes últimos anos o nosso único livreiro, digno desse nome. Inteligentíssimo e sagaz, sabia agarrar as boas edições e os restos de *stocks* de vários livros. Auxiliou grande número de colegas modestos e contribuiu com valiosas dádivas de livros para numerosas bibliotecas. Quando virá outro Francisco Alves? (O corvo de Poe responderá.)”

Tancredo Paiva

XXVII

“Homens como Francisco Alves ou como Nobel quase justificam a existência do capital, socializando-o de forma admirável e digna: protegendo a inteligência, divulgando a cultura, auxiliando os escritores na sua luta pelo espírito, pela paz e pela liberdade.”

J. G. de Araújo Jorge.

XXVIII

“Francisco Alves foi bom patrão, amigo de seus bons empregados e seu protetor. Nenhum patrão pagava tão grandes ordenados. O sonho dourado dos empregados das outras livrarias era ir para o Alves.”

Depoimento de um antigo empregado de Alves.

FRANCISCO ALVES –
O PIONEIRO DO LIVRO DIDÁTICO
NO BRASIL

AFRÂNIO PEIXOTO

“Minhas impressões sobre Francisco Alves?... Elas estão tanto em meu juízo, como em meu coração. Foi um grande homem de bem. Conhecia-o da sua livraria, de onde, no alto onde pousava, dirigia tudo, ouvindo o que o freguês pedia e indicando-o ao caixeiro bisonho, não sem gestos e ralhos, é verdade, à boa maneira portuguesa...

Nossas relações vieram de um verão nas Paineiras, onde éramos os dois hóspedes que não jogavam... Passeávamos pelos terraços e, um dia, falamos. A uma ambição de ir novamente à Europa, perguntou-me: – Por que não vai? – Não tenho com quê... – Escreva um livro. E encomendou-me a *Medicina Legal*, cuja primeira edição me deu para visitar o Mediterrâneo clássico, o Oriente próximo, Sicília, Grécia, Egito, Terra-Santa, Ásia-Menor, Constantinopla... Mário de Alencar elegera-me acadêmico, sem livro literário e, essa promissória, tive de pagá-la.. Escrevi, perto do Cairo, num hotel do deserto, em Helouan, o meu primeiro romance.

Tornando a Paris, na primavera seguinte, estava Francisco Alves no Hotel do Louvre, onde fui vê-lo... Contei-lhe o que sucedera ao João Ribeiro, oferecendo o *Fabordão* ao Garnier. “O livro didático, a carne, é para o Alves; a literatura, o osso, para mim...” Não quisera me acontecesse o mesmo. Quanto devia dar-lhe, para que me publicasse *A Esfinge*?

Respondeu-me irônico: “Atendo ao Garnier: se tenho o livro didático, devo ter também o literário.” Como podia haver laivo de impolidez, nessa querela de “carne e osso”, acrescentou: “E não será osso... pois que terá mil colegas a esgotarem uma primeira edição, para ver se não escorregou...” Como podia não ter sido amável juntou: “E, o melhor, é que hão de verificar o contrário...” *A Esfinge* foi editada quando tornamos ao Rio e a segunda edição se fez um mês após a primeira...

Passaram-se meses. Um dia levando-me ao café, conta-me Alves uma história comprida... Bela senhora, que lhe exigira novidades na livraria, perguntara: “E do autor da Esfinge? Nada mais? Ter-se-ia cansado?...”

“— Em boca bonita, comentava, este eufemismo ofende... Responda-lhe com outro romance.”

Disse-lhe que tinha pronta a *Maria Bonita*.

“— Como não m’a trouxe?”

Não quisera onerá-lo...

Fui, então, escrevê-la.

Alves sentenciou um dos seus princípios de ética editorial. Todo homem inteligente tinha direito a editar um livro. Sem êxito, não insistiria no segundo, pois, negociante, não queria nem forçar o público, nem falir... Obtido o sucesso, criava o autor, automaticamente, o direito a editar o segundo livro... e assim por diante.

Isto que aí está é admirável. Nenhum dos nossos editores tem esta ética. Se editam um livro, por mero favor pessoal, e vem o êxito, nem lhe tiram as outras edições sucessivas, contrariando a doutrina Alves, e universal, nem o autor tem direito nenhum a outro ou outros livros... Os editores no Brasil não são homens de negócio: são diletantes, que fazem favores pessoais e, por isto, mais ou menos, vão à falência... Alves honestamente e inteligentemente enriqueceu.

Como me havia por trabalhador, suscitava-me livros a escrever. (Não achei ainda jeito para um romance, que seria uma “encruzilhada” de destinos... o momento patético em que se decidem, criaturas, de sua vida e da dos outros...). Uma vez disse-me: “Gosto do Bilac, da Dona Júlia, não só pelo talento, mas pela constância no trabalho... parece vou colocá-lo no terceiro lugar...” Este homem amava o trabalho e não se fatigava, como tantos, com o trabalho alheio... Recompensava-o. Seus editados eram seus amigos. Seu cofre era o banco dos necessitados. Quantas vezes, foram pagas edições, antes de vendidas?! Viúvas e órfãos tinham pensão mensal que obras e livros sempre pagavam, já os autores falecidos. Não comprava a propriedade literária: mau negócio, dizia ele; se tem êxito o livro, queixa-se o autor e dele se desinteressa: é um enjeitado, sem progresso; se não o tem, o editor é vítima e culpado, ao mesmo tempo...

Alves criou aqui a indústria benemérita do livro didático. É o pioneiro do livro popular de ensino, posto ao alcance dos mais pobres, com o que deve ter lugar entre os educadores do Brasil. Tinha amigo perito, a quem subvencionava — e, mais tarde, aos filhos recompensou — que lhe examinava os manuscritos, a editar. Esses livros, selecionados pela capacidade, não só eram vendidos, mas, pelas suas grandes edições, tinham preços acessíveis a toda gente. Alves fez, assim, efetivamente, pela educação do Brasil, mais do que muito Ministro presumido ou educador profissional.

Quando juntou os seus milhões, deu-os a uma associação cultural brasileira... E, ainda aí, foi honesto e inteligente: muita gente vive afaçada procurando o anonimato, de placa ou de bronze, nas esquinas de rua e nos monumentos de praça... Francisco Alves, o Monthyon nacional, viverá na memória do Brasil, enquanto viver a Academia Brasileira: se Machado de Assis a criou, quem lhe dá a pensão, para viver e ser desejada, foi Francisco Alves.

E dessa glória, se é uma, ainda sobra alguma coisa: sua casa continua benemérita, com os seus dignos continuadores, e seus editados continuam seus amigos, abençoando-lhe a memória, de grande homem de bem... Que fez, de uma indústria, um magistério, e uma magistratura...

(*Revista da Academia* — Vol. 63. Pág. 220.)

UMA RECORDAÇÃO PESSOAL

JOÃO RIBEIRO

Da noite para o dia a Academia de Letras amanheceu rica. O maior dos nossos editores fê-la herdeira de toda a sua fortuna.

Francisco Alves de Oliveira foi esse homem extraordinário que ainda surpreende a materialidade normal de muitos dos seus contemporâneos.

Custam a compreender esse rasgo de gênio que lhes parece ainda uma loucura; e muito menos compreendem a justiça dessa retribuição. O homem que enriqueceu pelas letras entrega ao seu mais alto instituto a fortuna granjeada honestamente por um labor quase sem exemplo.

Quero dar apenas uma nota pessoal nas linhas que vou escrever descuidosamente acerca do grande editor. Com ele convivi cerca de trinta anos e dele recebi muitas demonstrações de afeto.

A virtude precípua que mais lhe conheci, no seu trato, foi a da sinceridade e mesmo da franqueza rude. Era um homem que punha sempre um ambiente de distância de si para os demais.

Ligavam-nos em outro tempo interesses comuns aumentados ainda pelo seu republicanismo ferrenho que era também o nosso, meu e de tantos, antes da República.

Na década de 80, Sílvio Romero, Barbosa Romeu, Teófilo das Neves Leão, Capistrano, Alves e eu, vivíamos comensais, sempre juntos e amigos.

O tempo com os anos e com a morte dispersou esse grupo de que eu era o mais jovem e o mais insignificante. Contudo, nunca esmoreceu, senão em momento efêmero e fugitivo, a afeição que dediquei ao grande amigo.

Hoje, lamento a sua perda irreparável, sem o ter conhecido em toda a plenitude de seus dotes. A sua alma era demasiado extensa ou profunda para a minha acanhada percepção dos homens.

Sou um melancólico e um triste, qualidade inepta e impossível com a conversação e a familiaridade.

Sem embargo dessa compleição soturna, fiz alguns amigos e Francisco Alves foi um deles.

Foi meu protetor, meu compadre e meu amigo; e nessa homenagem toda pessoal, falo da sua memória com profunda tristeza.



É muito difícil conhecer a vida íntima do grande livreiro. Não era um homem de intimidades e ninguém, suponho, podia penetrar os seus segredos.

Este mesmo legado de toda a fortuna à Academia foi uma surpresa para toda a gente. Conhecendo-o desde muito tempo e seu amigo, quanto ele permitia que eu o fosse, não surpreendi nunca outro pensamento que o de engrandecer a terra para onde trouxe a mocidade d'alma. Um dos seus grandes entusiasmos que lhe surpreendi em momentos de palestra, lembra-me só agora, foi o da *liberdade de testar*.

Suas paixões políticas e sociais resumiam-se num programa simples: as escolas boas ou más, sempre melhores que nenhuma.

Conheci-o há uns 30 anos e, entre nós, havia sempre sem profunda intimidade, uma grande estima recíproca e uma amizade cordialíssima, um pouco limitadas por certas rebarbas e asperezas que não podiam impregnar-se.

Fui, todavia, seu amigo e ele o era ainda mais, pelos benefícios, obséquios e favores que sempre me fez. A sua previdência e economia eram enormes, mas foram sempre de nenhum efeito sobre mim.

O que dele recebi podia dar uma pequena fortuna; entretanto, sou pobríssimo, graças às dissipações necessárias ou inevitáveis.

Ele conhecia essa desordem, dava-me conselhos, ao mesmo tempo que me dava trabalho.

– Desta vez, vou pagar-lhe em apólices. Lembre-se de que tem muitos filhos.

Eu, porém, sabia o segredo maligno de liquefazer as apólices. E foram-se, como se fossem níqueis.

É a sorte usual dos conselhos.

O que Alves estimava em mim era a minha vontade de trabalhar. E eu trabalhava muito.

Não é vanglória da minha parte dizer que contribuí com muito mais do que uma gota d'água para a sua caudalosa fortuna. Das cento e cinquenta edições dos meus livros didáticos correram e correm ainda muito perto de um milhão de exemplares.

Mas, não murmuro uma queixa. Tudo isto foi a obra do editor, do comerciante genial que sabia tirar do vil estrume a flor radiante.

Em mãos de outros ou nas minhas, gramáticas e compêndios nada valeriam, e disso fiquei certo por algumas experimentações decisivas. Era o editor com o seu serviço admirável de propaganda, com o seu gênio e atividade que dava imensos valores a coisas insignificantes. Esta é a verdade.

Não tive nunca ilusões a este respeito, e nem me senti espoliado, nem o fui jamais.

Ele pagava o meu trabalho, e em melhores condições que outros quaisquer; e a isso juntava outras gentilezas e liberalidades que eu não encontrei jamais entre os seus concorrentes. O meu quinhão só parece pequenino e insignificante para os que confundem o meu trabalho com o dele como se fossem gêmeos, parecidos ou iguais.

O certo é que o meu amigo era dedicado, pronto, fiel, exato e liberal. Vigia constantemente pelo meu bem estar, sabia das minhas dificuldades e acorria prestes a remediá-las.

Em casos tais, inventava trabalhos, dava-me expedientes felizes, fosse o que fosse.

Não quero aqui falar do melhor, mas das suas lembranças mais preciosas e características guardo ainda em memória alguns conselhos engraçados.

Vou citar apenas um.

Já há muitos anos, aparecia sempre na livraria um preto velho o Quelé (seria Clemente ou Clementino) trapalhão e pernóstico, que comprava e revendia cartilhas, tabuadas, *pliegos sueltos* e livros de cordel. Agradava a todos pelas suas medidas e seus repentinos.

Esse velho preto mantinha duas mulheres, ao que diziam.

De uma feita, interpelei-o:

— Como é que você, Quelé, aos oitenta anos de idade tem duas mulheres?

— Uma só eu não aguento, disse-me o preto.

E explicou-se:

— Tenho duas, porque, vai daqui vai dali, elas brigam. E uma enfraquece a outra.

E o velho preto parecia tirar grandes vantagens dessas duas fraquezas.

Como quer que seja, das duas ou de uma delas (nunca aprofundei esse mistério), o Queló arrancou um filho.

E eu fui o padrinho, por procuração.

– Cuidado! dizia-me o Alves. Este afilhado nunca existiu. É uma invenção do preto.

Realmente, morava longe; não pude vê-lo jamais. Era preciso tomar o trem, depois andar a cavalo e, de certo ponto em diante, andar a pé, umas duas horas. Um impossível.

De vez em quando, o Quelé pedia-me cinco mil réis e a bênção para o afilhadinho.

Eu ia-os dando, um pouco convencido da velhacaria do preto; enfim, era uma *facada* como as outras, sob certas fórmulas espirituais.

Certo dia, porém, precisando talvez de quantia maior, apareceu-me Quelé em choradeira grossa, em soluços de cortar o coração.

– Seu afilhadinho morreu. E eu nem tenho com que enterrá-lo.

E pediu-me aí uns cem mil réis para o caixão e umas roupinhas de S. João Evangelista.

Eu não tinha então, como agora, os cem mil réis; e parecendo-me que desta vez a facada era mortal, quis torcer o corpo...

O Alves que estava de observação interrompeu-me:

– Você tem aqui um saldo; dê-lhe os cem mil réis. Aqui estão.

Fiquei aturdido. Paguei o enterro problemático.

– Isto foi um negócio da China, disse-me o Alves pouco depois. O preto resolveu matar o afilhado; e você ficou livre desta pensão por dez ou vinte anos.

Na verdade Quelé nunca mais me falou do afilhadinho. Creio que, de envergonhado, bateu a outra freguesia.



Favores desta espécie, quase cética, de experiências da vida, devo-lhe muitos. Eu era bisonho, ele um veterano. E não valiam pouco.

A sua memória é-me grata e suave, a mau grado de suas asperezas nativas de militares, enérgicas e veementes.

Falava muito, mas, entretanto era um homem de poucas palavras, se era o momento de obrar.

Num livro inglês da Coleção Nelson, de um caçador de tigres e leões que perlustrou o caminho de Capetown ao Cairo, há um prólogo de Cecil Rhodes. O *Napoleão do Cabo*, com lhe chamaram, recomenda o livro em duas linhas apenas, dizendo que o seu laconismo era involuntário e que em verdade não sabia escrever e nem havia escrito em sua vida senão alguns telegramas.

O nosso editor também era assim: inteligentíssimo, de engenho agudo e pronto, não escrevia mais que despachos, uma ou duas linhas quando as escrevia⁷.

Parece que era um homem da antiga têmpera lusitana, daquela raça antiga que, na frase do velho João de Barros, “mais se preza de fazer que de dizer”.

A estes homens, raros e esparsos em Portugal, um instinto de efúgio indomável os despede e sacode, através do oceano, em busca de saturação e de vida intensa.

7  Nesse ponto, João Ribeiro, como João do Rio e quase todos os amigos de Alves, enganou-se, ou melhor, desconhecia a atividade do livreiro, como autor. Não foi em vão que João Ribeiro disse, no começo do artigo, que era difícil conhecer a psicologia de Alves.

São eles os nossos melhores amigos. E tal foi esse que num rasgo genial perpetuou o seu nome, não o riscando num tronco esquecido da floresta virgem, mas bem no alto, na flor esplêndida da nossa cultura.

(*O Imparcial*, de 2-7-1917.)

 BIBLIOGRAFIA POR
OSWALDO MELO BRAGA

- I – *Principios de Composição*. Descrições, narrações, cartas, etc. Segundo o programa do Governo por Guilherme do Prado. 2.^a edição. Livraria Clássica de Alves & C. Rio de Janeiro... 1887.

[B. N.]

- 2 – *Principios / de / Composição* – Descrições, narrações, cartas, etc. / Segundo o programma do Governo / por / Guilherme do Prado / = / 3.^a edição correcta e augmentada / = / Livraria Classica de Alves & C. / Rio de Janeiro / 46 Rua Gonçalves 46 // S. Paulo / 9 Rua da Quitanda / 1895.

In-8.º [147 X 90], de 139-IV págs. Obra dividida em 5 partes, precedidas de “preliminares” sobre a forma dos objetos, dimensões, cores, sabor, cheiro, brilho, consistência, movimento e repouso. Relação de lugar, posição, duração e tempo; *Primeira parte*: noções da análise lógica, exercícios, composição livre; *Segunda parte*: Da descrição; *Terceira parte*: Modelos sobre diversos assuntos; *Quarta parte*: Da narração; *Quinta parte*: Das Cartas.

Com desenhos geométricos, a negro, no texto.

[B. N.]

- 3 – *Trechos / dos / Autores Classicos* / adoptados pelo governo para os exames geraes de preparatorios / em 1887 / Coordenados / por / Guilherme do Prado / – / Rio de Janeiro / Livraria Classica de Alves & Comp. / (Successores de Nicolau Alves) / 46 e 48 – Rua Gonçalves Dias – 46 e 48 / – / 1887.

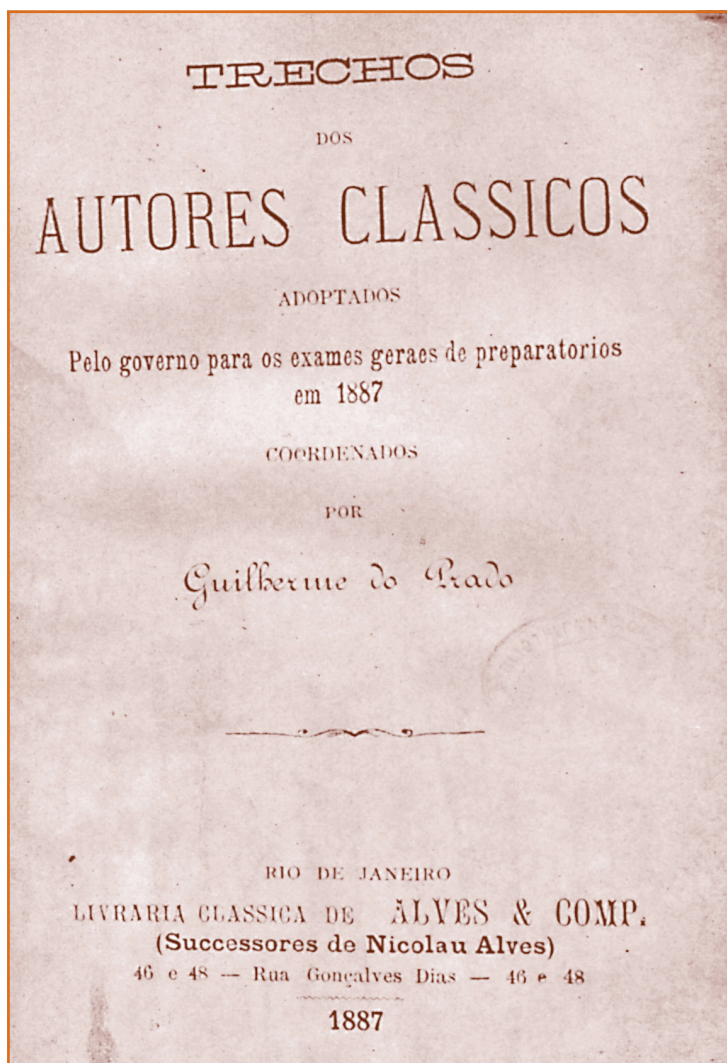
In-8 [149 X 90], de 239 págs.

Na subscr.: Typ. Montennegro [sic] – rua Nova do Ouvidor n. 16. Com fls. de guarda.

[B. N. III-50, I, 40]



Outro livro de Francisco Alves assinado com o pseudônimo Guilherme do Prado.



Livro de Francisco Alves assinado com o pseudônimo Guilherme do Prado.

- 4 – *Trechos dos Autores Classicos*. Adoptados pelo Governo para os exames geraes de Preparatórios em 1887. Coordenados por Guilherme do Prado. Terceira edição. Livraria Clássica de Alves & Comp. Rio de Janeiro. 46 – Rua Gonçalves Dias – 46. S. Paulo. 9 Rua da Quitanda 9. 1895.

[B. N. III – 194, I,36]

- 5 – *Trechos / dos / Autores Classicos /* Adoptados pelo Governo para os exames geraes de / preparatorios em 1887 / Coordenados / por / Guilherme do Prado / Quarta edição / Livraria Classica de Alves & C. / Rio de Janeiro / – Rua Gonçalves Dias 46 // S. Paulo / 9 Rua da Quitanda 9 / – / 1895.

In-8.^o [145 X 90], de 288 págs. Traz o índice no pé da última página.

Dá notícias biobibliográficas, sucintas, de: João Francisco Lisboa, Pe. Teodoro de Almeida, Sta. Rita Durão, Gabriel P. de Castro, Frei Luiz de Sousa, Pe. João de Lucena, Luís de Camões, Pe. Manuel Bernardes e Latino Coelho. No fim, um “Vocabulário dos nomes históricos, geográficos e mitológicos compreendidos nos extratos dos *Lusiadas* de Camões”.

[B. N. IV-207, I, 43]

- 6 – *Curso Elementar / de / Geografia /* pelo capitão de Fregata [sic] / Themistocles Savio / Professor no Collegio Militar / Com uma carta – prefacio do eminente escritor / Dr. Francisco Pí-nheiro Guimarães / Lente do Ginásio Nacional, e auctor do livro *O Ensino Publico* / Obra destinada ao ensino racional e methodico da Geografia no Collegio Militar, / Gymnasio Nacional, Escola Normal / e em outros estabelecimentos de instrução da Republica, nos quais se acha adoptada / Approvada

unanimemente pelo Conselho Superior de Instrução Publica / do Districto Federal e pela Congregação do Collegio Militar, e premiada pela / Escola de Engenharia e Artilharia / Premiada pelo Governo Federal / 4.^a Edição (actualizada) / por / F. de Oliveira / Francisco Alves & Cia. / Rio de Janeiro / 166, Rua do Ouvidor, 166 / S. Paulo / 65, Rua de S. Bento, 65 / Bello Horizonte / 1055, Rua da Bahia, 1055 /// Aillaud, Alves & Cia. / Paris / 96, Boulevard Mont Parnasse, 96 / (Livraria Aillaud) / Lisboa / 73, Rua Garrett, 75 / (Livraria Bertrand) / 1914.

No f. título: curso elementar de Geographia.

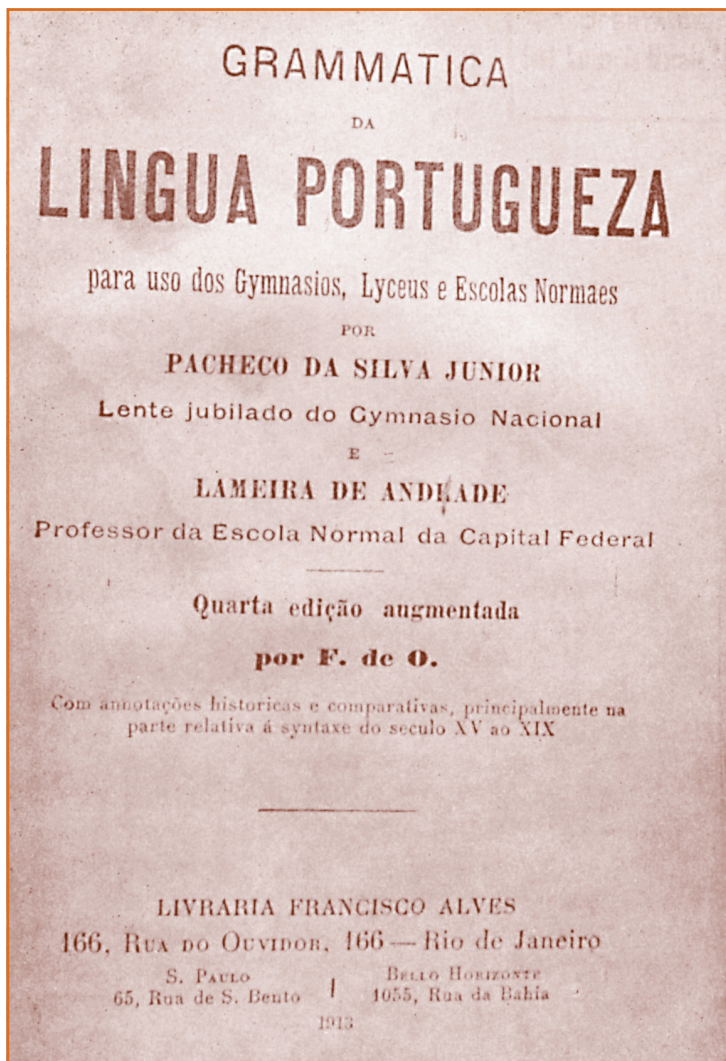
Gr. in-18 [145 X 90], de 596 págs. e I índice c/ numerosas ilustrações no texto e mapas coloridos.

[B. N. III-313, 2, 6]

- 7 – *Grammatica da Lingua Portuguesa* para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes por Pacheco da Silva Junior. Lente jubilado do Gymnasio Nacional e Lameira de Andrade. Professor da Escola Normal da Capital Federal. Quarta edição aumentada. Por F. de O. Com anotações historicas e comparativas, principalmente na parte relativa á syntaxe do seculo XV ao XIX. Livraria Francisco Alves. 166, Rua do Ouvidor, 166 – Rio de Janeiro. S. Paulo, 65, Rua de S. Bento – Bello Horizonte, 1055, Rua da Bahia. 1913.

In-8.º [139 X 90], de VIII-731-IV págs. Na subscrição: Typ. da Livraria Francisco Alves – Maio, 1913.

- 8 – *Diccionario Pratico / Francês = Português* / com a pronuncia figurada / Composto á vista dos mais recentes diccionarios / franceses, illustrado com numerosas gravuras / Por / J. Monteiro, J. Benoliel, e F. d'Oliveira / – Aillaud, Alves & Cia. / Paris / 96, Boulevard Mont-



A 4.ª edição da “Gramática da Língua Portuguesa” de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade, aumentada por F. de O., iniciais do primeiro e último nome de Francisco Alves de Oliveira.



Também neste livro Francisco Alves assina-se, à maneira portuguesa, F. d'Oliveira.

parnasse, 96 / (Livraria Aillaud) / – Lisboa / 73, Rua Garrett, 75 / (Livraria Bertrand) // Francisco Alves & Cia. / Rio de Janeiro / 166, Rua do Ouvidor, 166 / S. Paulo / 65, Rua de S. Bento, 65 / Bello Horizonte / 1055, Rua da Bahia, 1055.

No f. título: Diccionario Pratico / Francês – Português.

S.d. In-18.º [155 X 88], de XII – 903 págs. Enc. perc.

- 9 – *Novo Atlas / de Geographia* / por / J. Mon- e F. d'Oliveira / Revis-
to por / Olavo Freire / Curso Elementar / Francisco Alves &
Cia. / Rio de Janeiro / 166, Rua do Ouvidor, 166 / S. Paulo /
65, Rua de S. Bento, 65 / Bello Horizonte / 1055, Rua da Ba-
hia, 1055 // Aillaud, Alves & Cia. / Paris / 96, Boulevard
Montparnasse, 96 / (Livraria Aillaud) / Lisboa / 73-75, Rua
Garret, 73-75 / (Livreiro Bertrand) / 1912.

[380 X 238].

3 vols. correspondentes aos cursos:

Elementar, com 28 mapas;

Médio, com 48 mapas;

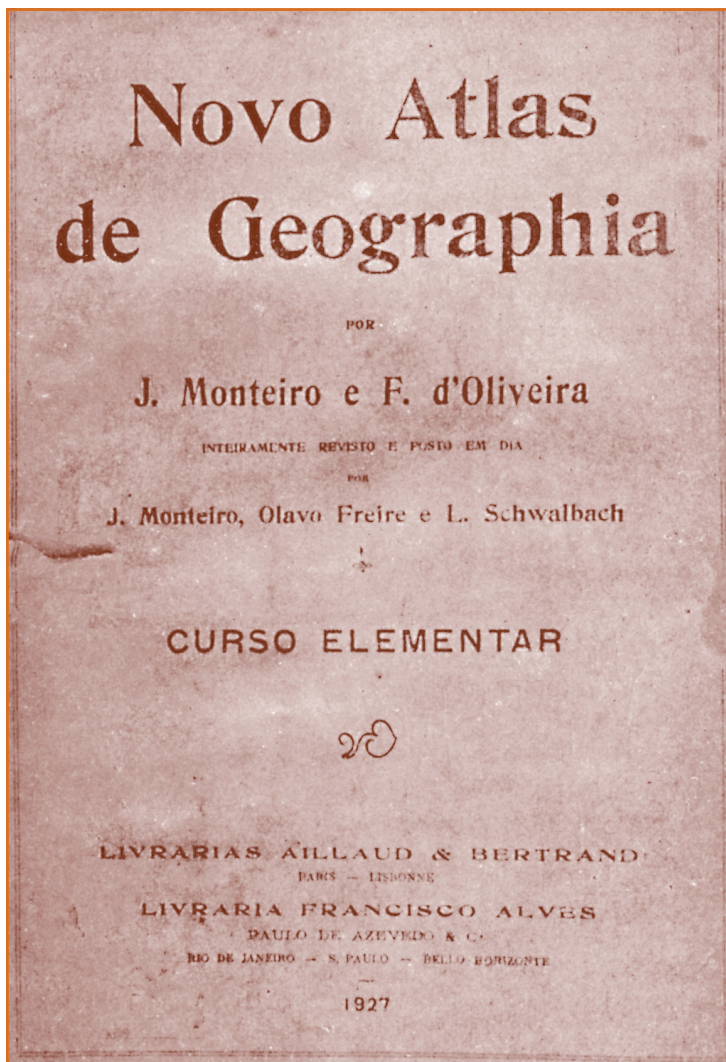
Superior, com 83 mapas.

Todos os volumes são precedidos de noções de Cosmografia.

- 10 – *Novo Atlas de Geographia* por J. Monteiro e F. d' Oliveira. Revis-
to por Olavo Freire. Curso Elementar. Francisco Alves & Cia. Rio de Ja-
neiro. 166, Rua do Ouvidor, 166. S. Paulo. 65, Rua de S. Bento,
65. Belo Horizonte. 1055, Rua da Bahia, 1055. Aillaud, Alves &
Cia. Paris. 96, Boulevard Montparnasse, 96. (Livraria Aillaud).
Lisboa, 73-75, Rua Garrett, 73-75 (Livraria Bertrand). 1920.

[380 X 238]. São três séries, com os mesmos característicos
da edição anterior.

Será a segunda edição? Tudo leva a crer que sim.



Neste livro Francisco Alves assina-se F. d'Oliveira. O apóstrofo caracteriza bem a sua origem portuguesa.

- II – *Novo Atlas, de Geographia* por J. Monteiro e F. d'Oliveira inteiramente revisto e posto em dia por J. Monteiro, Olavo Freire e L. Schwalbach. Curso elementar. Livrarias Aillaud & Bertrand. Paris – Lisbonne. Livraria Francisco Alves. Paulo de Azevedo & Cia. Rio de Janeiro – S. Paulo – Belo Horizonte. 1937.

380 X 238, Atlas.

É a terceira edição, como se pode ver do prefácio dos Editores: “O benévolo acolhimento obtido por este Atlas, desde a sua aparição, impôs aos editores o dever de refundir o trabalho inicial, para registrar nas cartas políticas todas as alterações territoriais.

Foi enriquecido o Atlas com vários mapas novos motivados pelos resultados da guerra mundial de 1914-18; procuramos incluir nele tudo o que nos pareceu fundamental e, deste modo, quem consultar os nossos mapas, não se perderá numa aluvião de pormenores que, em regra, só concorrem para edificar as noções de maior importância. Janeiro de 1927.”

[A. B. L.]

- I2 – *Novo Atlas de Geographia* por J. Monteiro e F. d'Oliveira. Curso Elementar. Livraria Aillaud. Paris. Livraria Aillaud & Lellos Limitada. Lisboa – Livraria Francisco Alves. Paulo de Azevedo & Cia. Rio de Janeiro – São Paulo – Bello Horizonte.

380 X 238 Atlas. III, ins. de título, advert. e índice, 32 págs. e 33 mapas.

[A. B. L.]

- I3 – *Novo methodo pratico e facil para aprender a lingua ingleza* com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 3.^a edição. Rio de Janeiro. Alves & Comp. [Tip.Confiança]. 1894.

In-8.º de 159 págs.

[B. N.]

- I4 – *Novo methodo / pratico e facil para aprender / A Lingua Ingleza* – com muita rapidez / pelo / Dr. F. Ahn / Adaptado ao uso dos brasileiros / por / F. de Oliveira, / – / 7.^a Edição / – / Livraria Francisco Alves / I34, Rua do Ouvidor, I34 – Rio de Janeiro / S. Paulo / 65, Rua de S. Bento // Belo Horizonte // Rua da Bahia / 1908.

In-8.º [142 X 90], de 176 págs.

[B. N.]

- I5 – *Novo methodo pratico e facil para aprender a ligua ingleza* com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 9.^a edição. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves. 1910.

In-8.º de 176 págs.

[B. N.]

- I6 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender A Lingua Ingleza* Com Muita Rapidez. Adaptado Ao Uso dos Brasileiros por F. de Oliveira. 12.^a edição. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. S. Paulo. 65 Rua de S. Bento. Belo Horizonte I055 Rua da Bahia. 1914.

In-8.º [141 X 90], de 176 págs. Na subscr. Typ. da Livraria Francisco Alves – Junho, 1914.

[A.B.L.]

- I7 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Ingleza* Com Muita Rapidez. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 13.^a edição. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. S. Paulo. 65 Rua de S. Bento. Bello Horizonte I055 Rua da Bahia,. 1917.

In-8.º [141 X 90], de 176 págs.

[A.B.L.]

- 18 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Ingleza* com muita rapidez. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 15.^a edição. Livraria Francisco Alves. 166, Rua do Ouvidor, 166 – Rio de Janeiro. S. Paulo, 65 Rua de S. Bento. Bello Horizonte, 1055 Rua da Bahia. 1920.

In-8º [141 X 90], de 176 págs.

[A.B.L.]

- 19 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Ingleza* com muita rapidez. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 28.^a edição. Livraria Francisco Alves. 166, Rua do Ouvidor, 166 – Rio de Janeiro. S. Paulo. 65, Rua de S. Bento – Bello Horizonte. 1055, Rua da Bahia, 1937

In-8.º [141 X 90], de 176 págs.

[A.B.L.]

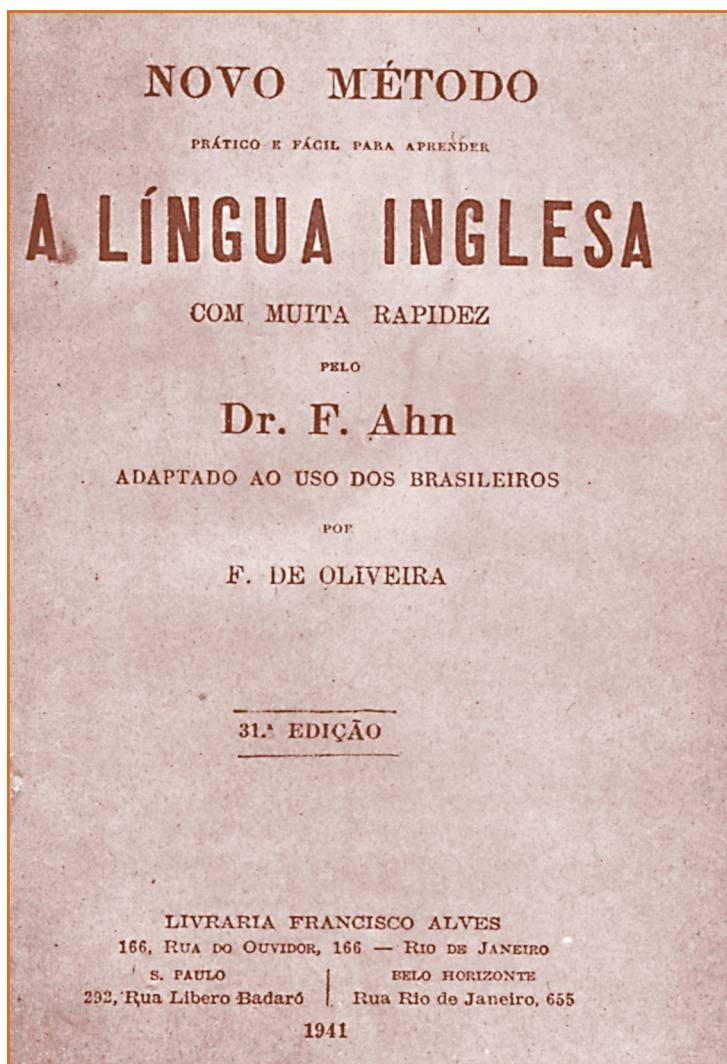
- 20 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Ingleza* com muita rapidez. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 30.^a edição. Livraria Francisco Alves. 166, Rua do Ouvidor, 166 – Rio de Janeiro. S. Paulo 65, Rua de S. Bento. Bello Horizonte, 1055 Rua da Baía. 1937.

In-8º [141 X 90], de 176 págs. Daqui por diante o livro foi impresso na nova ortografia.

[A.B.L.]

- 21 – *Novo Método Prático e Fácil para Aprender a Língua Inglesa* com muita rapidez. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 31.^a edição. Livraria Francisco Alves. 166, Rua do Ouvidor, 166 – Rio de Janeiro. S. Paulo. 65, Rua de S. Bento. Belo Horizonte, 1055 Rua da Baía. 1941.

[B.N.]



Folha de rosto da 31.ª edição de uma das obras didáticas de Alves de maior circulação entre nós.

- 22 – *Método de Ahn / para aprender facilmente / a Língua Allemã* / adaptado á lingua Portuguesa. / pelo / Dr. José Carlos Mariani / – / Quinta edição / Cuidadosamente revista e melhorada / por / F. de Oliveira / – / Livraria Francisco Alves / Rio de Janeiro, r. do Ouvidor, 166 – S. Paulo, r. de S. Bento, 65 / Bello Horizonte, R. da Bahia, 1055.

No f. t. : Methodo de Ahn / para aprender facilmente – a Língua Allemã.

S. d. In-8º [157 X 90], de 114 pág.

Na subscr.: “Imprensa Moderna, de Manoel Lelo. Rua Candido dos Reis, 61 – Porto. [1912?]”

[B.N.]

- 23 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Italiana* com muita rapidez. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 2.^a edição. Rio de Janeiro. Alves & Cia.

S. d. in-8.º de 219 págs.

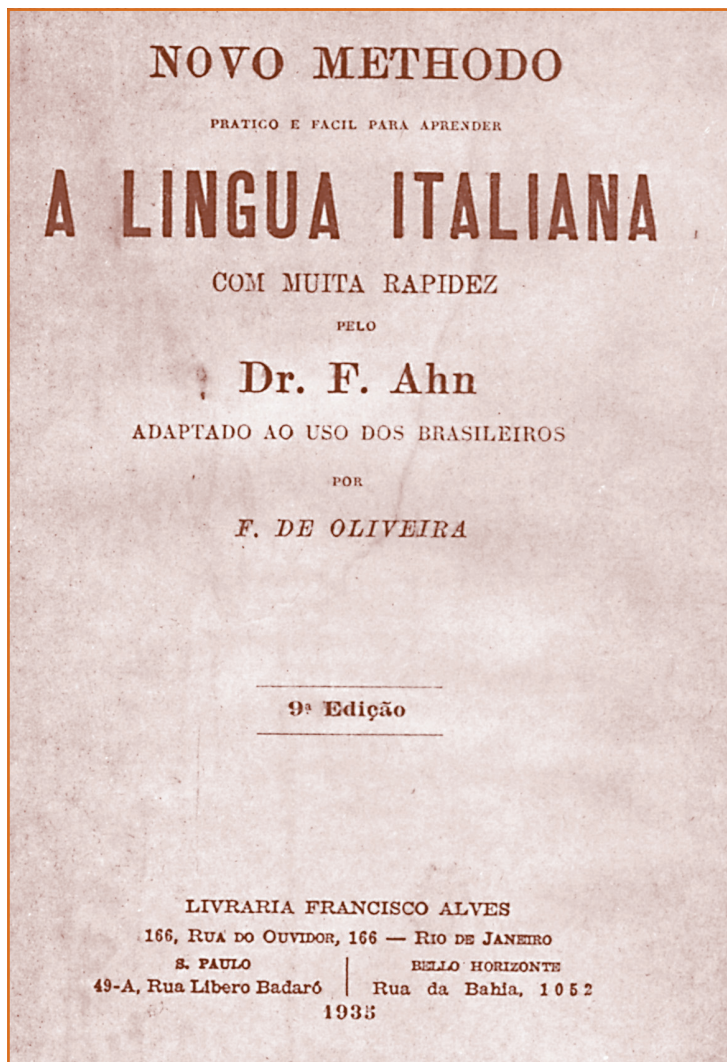
[B.N.]

- 24 – *Novo Methodo / pratico e facil / para aprender / a Lingua Italiana* / com muita rapidez / pelo / Dr. F. Ahn / Adaptado ao uso dos brasileiros / por F. de Oliveira / = / 4.^a edição / = / Livraria Francisco Alves & C. / 166, Rua dos Ouvidor, 166 – Rio de Janeiro / Rua de S. Bento, 65 – S. Paulo / Rua da Bahia – Bello Horizonte / – / 1910.

In-16 [143 X 90], de 219 – IV, págs.

[B.N.]

- 25 – *Novo Methodo / Pratico e Facil para aprender / a Lingua Italiana* / com muita rapidez / pelo Dr. F. Ahn / Adaptado ao uso dos Brasileiros / por / F. de Oliveira / 8.^a edição / Livraria Francisco Alves / 166,



Já neste livro Francisco Alves assina-se, à maneira brasileira. F. de Oliveira.

Rua do Ouvidor, 166 – Rio de Janeiro / S. Paulo / 129, Rua Libero Badaró / Bello Horizonte / Rua da Bahia, 1502 / 1928.

In-8.º [141 X 90], de 218 págs. e 5 finais de lista de dicionários à venda.

[A.B.L.]

- 26 – *Novo Methodo / Pratico e Facil para Aprender / A Lingua Italiana* / com muita rapidez pelo / Dr. F. Ahn / Adaptado ao uso dos brasileiros / por / F. de Oliveira / 9.ª edição / Livraria Francisco Alves / 166, Rua do Ouvidor, 166 – Rio de Janeiro / S. Paulo / 129, Rua Libero Badaró / Bello Horizonte / Rua da Bahia, 1502 / 1935.

In-8º [41 X 90], 218 págs. e 5 finais de listas de dicionários à venda.

[A.B.L.]

- 27 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Franceza* com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 6.ª edição. Rio de Janeiro, S. Paulo, Alves & C. [Typ. Montenegro]. 1895.

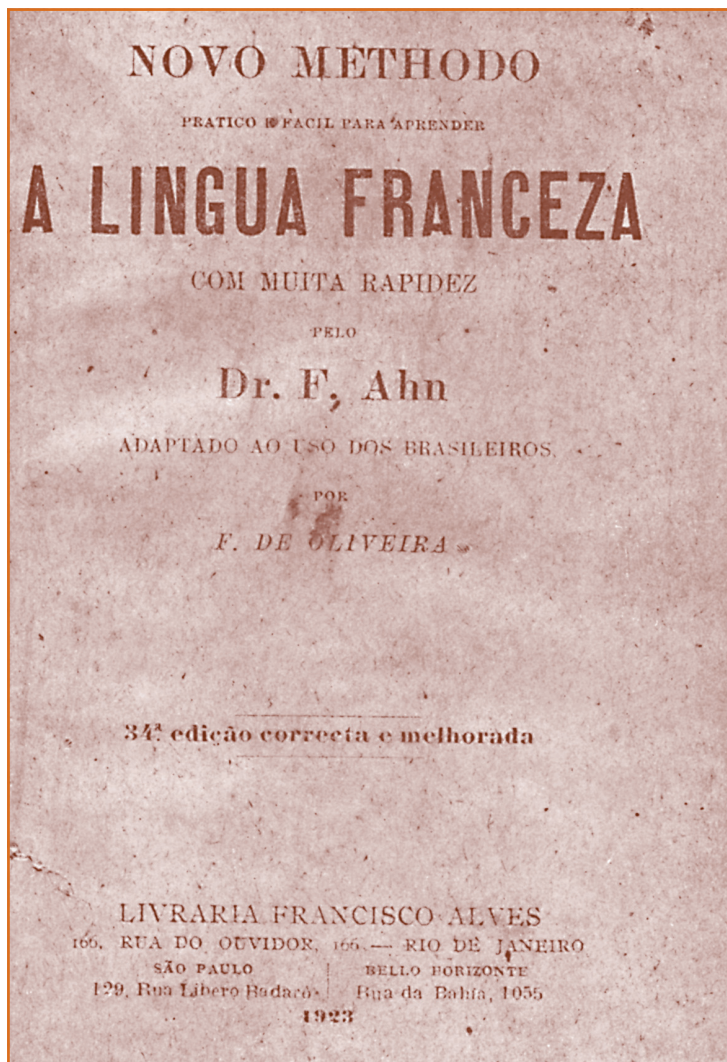
In-8.º de 174 págs.

[B.N.]

- 28 – *Novo Methodo / Pratico e Facil para Aprender / A Lingua Franceza* / Com muita rapidez / pelo / Dr. F. Anh. / Adaptação ao uso dos brasileiros / por / F. de Oliveira / 14.ª edição correcta e melhorada / Livraria Francisco Alves / 134, Rua do Ouvidor, 134 / Rio de Janeiro / S. Paulo / 65, Rua de S. Bento // Bello Horizonte / Rua da Bahia / 1908.

In-8.º [142 X 90], de 173 págs. e I in. de índice.

[B.N.]



Folha de rosto da 34.^a edição de um dos livros didáticos de Alves (1923).
Daí se pode ver a sua grande circulação no país.

- 29 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender A Lingua Franceza* com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 21.^a edição correcta e melhorada. Rio de Janeiro. S. Paulo, B. Horizonte. Livraria Francisco Alves. 1913.
In-8º [142 X 90], de 173 págs. e I in. de índice.

[B.N.]

- 30 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender / A Lingua Franceza / com muita rapidez / pelo / Dr. F. Ahn / Adaptado ao uso dos brasileiros / por / F. de Oliveira / – / 34.^a edição correcta e melhorada / Livraria Francisco Alves / I66, Rua do Ouvidor I66 – Rio de Janeiro / São Paulo / I29, Rua Libero Badaró / Bello Horizonte / Rua da Bahia, I055 / 1923.*

In-I6º [139 X 89], de 173 págs. e I, in., de índ.

[B.N.]

- 31 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Franceza* com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 36.^a edição correcta e melhorada. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. São Paulo. I29, Rua Libero Badaró. Bello Horizonte. Rua da Bahia, I055. 1926.

In-I6 [139 X 89], de 173 e I in. de índ.

[A.B.L.]

- 32 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender A Lingua Franceza* com muita rapidez pelo Dr. F. Anh. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 42.^a edição correcta e melhorada. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. S. Paulo, 49, Rua Libero Badaró. Bello Horizonte, Rua da Bahia, I052. 1931.

In-I6 [139 X 89], de 175 págs.

[ABL]

- 33 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender a Lingua Franceza* com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 46.º edição correcta e melhorada. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. – S. Paulo, 49, Rua Libero Badaró. – Bello Horizonte, Rua da Bahia, I052. 1935.

In-I6 [I39 X 89], de 175 págs.

[ABL]

- 34 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender A Lingua Franceza* com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 47.ª edição correcta e melhorada. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. – S. Paulo, 49, Rua Libero Badaró. Bello Horizonte, Rua da Bahia, I052. 1936.

In-I6 [I39 X 89], de 175 págs.

[ABL]

- 35 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender A Lingua Franceza* com muita rapidez pelo D F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 48.ª edição correcta e melhorada. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. – S. Paulo, 49, Rua Libero Badaró. – Bello Horizonte, Rua da Bahia, I052. 1937.

In-I6 [I39 X 89], de 175 págs.

[ABL]

- 36 – *Novo Methodo Pratico e Facil para Aprender A Lingua Franceza* com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. 49.ª edição correcta e melhorada. Livraria Fran-

cisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. – S. Paulo, 292, Rua Libero Badaró – Bello Horizonte. Rua Rio de Janeiro, 655. 1938.

In-I6 [I39 X 89], de 175 págs.

[ABL]

- 37 – *Novo Método / Prático E Fácil Para Aprender / A Língua Francesa / Com Muita Rapidez / Pelo / Dr. F. Ahn / Adaptado ao Uso Dos Brasileiros / Por / Francisco de Oliveira / – / 50.^a edição correta e melhorada / – / Livraria Francisco Alves / I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro / S. Paulo / 292, Rua Líbero Badaró // Belo Horizonte / Rua Rio de Janeiro, 655 / 1940.*

In-I6.^o [I39 X 89], de 175 págs. e I, ind., de ind. Daqui por diante, as edições aparecem na ortografia nova.

[ABL]

- 38 – *Novo Método Prático e Fácil para Aprender A Língua Francesa com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por Francisco de Oliveira. 51.^a edição correta e melhorada. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. S. Paulo, 292, Rua Libero Badaró – Belo Horizonte. Rua Rio de Janeiro, 655. 1940.*

In-I6 [I39 X 89], de 175 págs.

[ABL]

- 39 – *Novo Método Prático e Fácil para Aprender A Língua Francesa com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn. Adaptado ao uso dos brasileiros por Francisco de Oliveira. 52.^a edição correta e melhorada. Livraria Francisco Alves. I66, Rua do Ouvidor, I66 – Rio de Janeiro. S.*

Paulo, 292, Rua Líbero Badaró – Belo Horizonte. Rua Rio de Janeiro, 655. 1941.

In-26 [I39 X 89J, de 175 págs.

[ABL]

Pseudônimos usados por Francisco Alves:

Francisco de Oliveira.

F. d'Oliveira.

F. de Oliveira.

Guilherme do Prado.

F. de O.

FONTES PARA UM ESTUDO

- 1 – Paulo Barreto
“Francisco Alves”. (*O Paiz*. Rio. 30 de junho de 1917).
- 2 – *Jornal do Commercio*, Edição da tarde, de 29/6/1917.
- 3 – Félix Pacheco
“Entrevista”. (*A Noite*, de 30/6/1917).
- 4 – Dantas Barreto
“Entrevista”. (*Gazeta de Notícias*, de 1/7/1917).
- 5 – Celso Vieira
“O Testamento de Mecenas”. (*O Paiz*. Rio. 6 de julho de 1917).
- 6 – *Gazeta de Notícias* de 1/7/1917
A Herança da Academia. Os imortais têm várias opiniões.
Um rápido inquérito sobre o destino do legado do livreiro Alves.
- 7 – Olavo Bilac
“Nada de chás e saracoteios na Academia”. Um pensamento bem expresso. (Entrevista concedida a *A Noite*, Rio 1/7/1917).
- 8 – Medeiros e Albuquerque
“Uma herança” (artigo de *A Noite*, de 2/7/1917).

9 – Coelho Neto

“A Academia nada em ouro”. (*Gazeta de Notícias*, 2/7/1917).

10 – João Ribeiro

“Uma recordação pessoal”. (Em *O Imparcial*, de 2/7/1917).

– Reproduzido in *9.000 Dias com João Ribeiro*, de Joaquim Ribeiro.

11 – Afrânio Peixoto

“Discurso” (Última sessão da Academia no Silogeu Brasileiro, em 13 de dezembro de 1923). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. XIV, p. 181.

12 – Augusto de Lima

“Discurso” (Distribuição de prêmios). (Proferido em sessão solene da Academia, aos 29 de junho de 1928). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 28, p. 375.

13 – Fernando Magalhães

“Discurso” (Distribuição de prêmios) (Pronunciado na sessão solene comemorativa do 12.º aniversário do falecimento de Francisco Alves de Oliveira, em 29 de junho de 1929). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 30, p. 508.

14 – Gustavo Barroso

“Discurso” (Concurso literário de 1929. Distribuição de prêmios. Sessão solene de 29 de junho de 1930). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 34, p. 36.

15 – Fernando Magalhães

“Discurso” (Concursos Literários de 1930. Distribuição de prêmios. Sessão solene de 29 de junho de 1931). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 36, pp. 301-305.

16 – Fernando Magalhães

“Discurso” (Concursos de 1931. Sessão solene, em 29 de junho de 1932). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 39, p. 339.

17 – Gustavo Barroso

“Discurso” (Concurso literário de 1932. Distribuição de prêmios. 1933). *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 42, p. 344.

18 – Ramiz Galvão

“Discurso” (Distribuição de prêmios. Sessão de 29 de junho de 1934). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 45, p. 480.

19 – Afonso Celso

“Discurso” (Distribuição de prêmios. Sessão de 29 de junho de 1935). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 48, p. 431.

20 – Rodrigo Octávio

Minhas Memórias dos Outros. Nova Série. 1935. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro.

Vide pp. 74-78: “Francisco Alves”.

- 21 – Antônio Austregésilo
Revista da Academia Brasileira de Letras, vol. 55, p. 190 [1937].
- 22 – Antônio Austregésilo
“Discurso” (Distribuição dos Prêmios Literários de 1938. Sessão pública de 29 de junho de 1939). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 57, p. 184.
- 23 – Celso Vieira
“Discurso” (Distribuição dos prêmios literários de 1939. Sessão pública comemorativa do 23.º aniversário da morte de Francisco Alves de Oliveira, em 29 de junho de 1940). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 59, p. 277.
- 24 – João Luso
“Francisco Alves”. Discurso. Prêmios Literários de 1939. Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Vol. 59 [1940], p. 282.
- 25 – Levi Carneiro.
“Discurso” (Concursos Literários de 1940. Distribuição de Prêmios. Sessão pública em 30 de junho de 1941). Na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 61, p. 414.
- 26 – Afrânio Peixoto
Francisco Alves, o Pioneiro do Livro Didático no Brasil. (*Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 63, p. 220 [1942]).

 DOCUMENTOS

O TESTAMENTO DE FRANCISCO ALVES

“Em nome de Deus, Amém.

Eu, Francisco Alves de Oliveira, estando de pé, doente, mas no pleno gozo de minhas faculdades, resolvi fazer o meu testamento, como de fato o faço pela forma seguinte:

Sou católico, apostólico, romano, nasci e fui batizado na freguesia de Santa Maria do Outeiro, Conselho de Cabeceira de Basto, Reino de Portugal. Sou filho legítimo de Antônio José Alves e de Maria José de Oliveira, já falecidos. Sou solteiro e neste estado nunca tive filhos, quer de um quer de outro sexo.

Nomeio para meus testamenteiros e inventariantes de meus bens, em 1.º lugar, o engenheiro Manuel Pacheco Leão, em 2.º lugar o Dr. Antônio Pacheco Leão, e em 3.º lugar Claudino Alves de Castilho, os quais dou por abonados em Juízo e fora dele, independente de prestação de fiança e lhes marco o prazo de três anos para o cumprimento de minhas disposições testamentárias e devida prestação de contas.

Desejo que o meu enterro e os sufrágios por minha alma sejam feitos à vontade de meus testamenteiros.

Como não tenho herdeiros forçados por isso disponho dos bens da forma seguinte:

– Deixo tudo o que possuo à Academia Brasileira de Letras enquanto ela existir e, se deixar de existir, à Santa Casa de Misericórdia desta capital, com as seguintes obrigações:

1 – não alienar os imóveis;

2 – converter em Apólices da Dívida Pública Federal as quantias que receber de meus testamenteiros;

3 – fazer, de cinco em cinco anos, dois concursos, um sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil; outro sobre a lín-

gua portuguesa, dando de prêmio às monografias que obtiverem os primeiros lugares dez contos de réis de prêmio a cada uma; às que obtiverem o segundo lugar, cinco contos de réis a cada uma; e às que obtiverem o terceiro lugar, três contos de réis a cada uma;

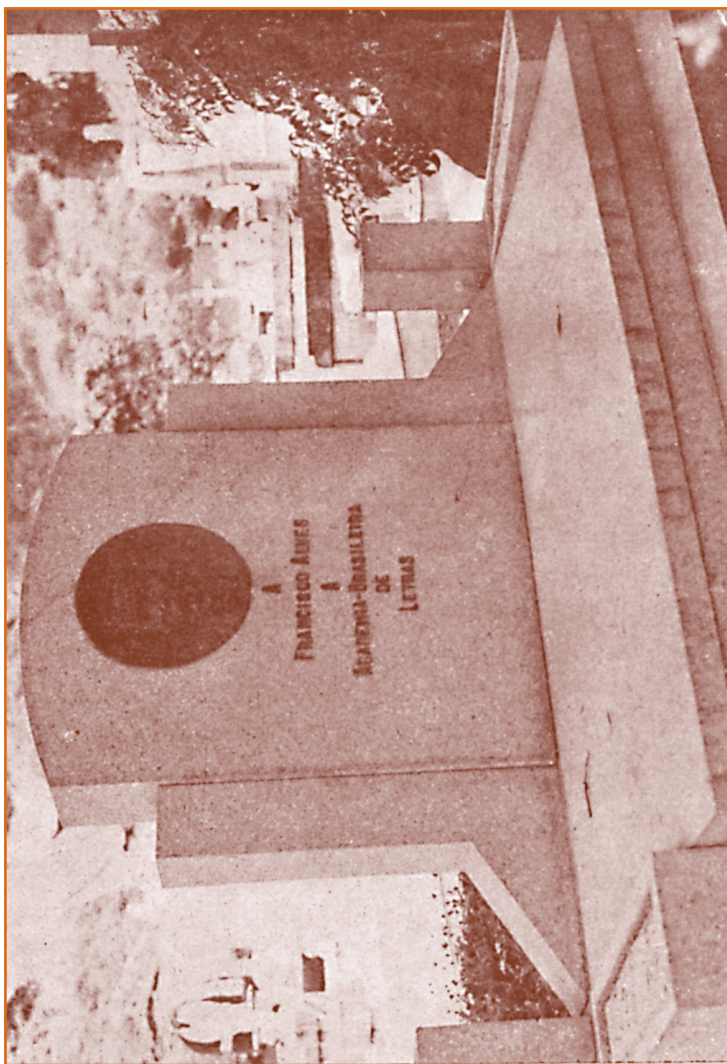
4 – dar a D. Maria Dolores Braun, filha do Dr. Ferdinando Bernard François Hachradt Braun, quantia de quinhentos mil réis enquanto for viva.⁸

Por esta forma, tenho concluído o meu testamento, que o escrevi de meu punho e de minha livre vontade e dou por bom, firme e valioso e o assino do meu próprio punho.

Nesta cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil, aos 31 de maio de 1904.

Francisco Alvos de Oliveira.”

8  A Academia aumentou esta verba para dois contos de réis mensais.



Túmulo de Francisco Alves no cemitério São João Batista (Rio de Janeiro)

Tanto em São Paulo como em Minas Gerais constituíram um acontecimento de grande repercussão nas altas esferas sociais e literárias as inaugurações das sucursais da “Livraria Alves”. A inauguração em São Paulo se deu a 23 de abril de 1894 e estiveram presentes o Presidente do Estado, Bernardino de Campos, o vice-presidente, Cerqueira Cesar, secretários de Estado, além de várias outras individualidades grandemente conhecidas no país como Lauro Müller, Sílvio Romero, Teodoro Sampaio, etc. A sucursal, em Minas, inaugurou-se a 16 de junho de 1910. Foi também um dia festivo, tendo comparecido, na solenidade, as figuras mais destacadas do Estado.

Vejamos o que dizem os jornais da época:

INAUGURAÇÃO DA LIVRARIA ALVES EM S. PAULO

(Em 23 de abril de 1894)

Muito singela, mas muito significativa, foi a festa da inauguração da casa filial que os conhecidos livreiros Alves & C., estabeleceram na cidade de S. Paulo.

Os bons, os prestimosos serviços dos populares editores à causa da instrução pública, foram o móvel principal que atraiu à singela festa boa parte da elite intelectual de S. Paulo. Políticos, professores, jornalistas, médicos, advogados, negociantes, estiveram ali presentes.

À hora marcada para a inauguração (1 hora da tarde do dia 23 do corrente), apresentou-se o mundo oficial, tão inteligentemente progressivo na terra paulista, e eram o Exmo. Dr. Bernardino de Campos, presidente do Estado; Dr. Cerqueira César, vice-presidente; Dr. Cesário

Mota, ministro do Interior e da Instrução Pública; Dr. Lauro Müller, representante do ministro da Guerra. À chegada de SS. EEx. já ali se achavam o Dr. Von Jhering, diretor do Museu de S. Paulo; Comendador Galhardo, secretário-geral do Conselho de Instrução Pública; Dr. Sílvio Romero, professor do Ginásio Nacional e da Academia Livre de Direito do Rio de Janeiro; engenheiro Artur O' Leary, da Comissão de Geologia e Topografia; Drs. Tancredo do Amaral, da Escola Normal, Valois de Castro e João Bentley, do curso anexo; T. G. dos Santos Guimarães, Jesuino Cardoso, da Academia de Direito; Luís César do Amaral Gama, da Intendência Municipal; engenheiro José Vila Nova, Júlio de Mesquita, deputado federal; advogado Cardoso de Melo, Roberto Leite Penteado, Dr. Américo Brasiliense Filho e Manoel Pais Figueiredo, Dr. Lopes dos Anjos, Dr. F. Sales de Oliveira Júnior, Dr. Eugênio Rocha, juiz seccional; senadores Paulo de Oliveira Carvalho, Gustavo Godoy e Ricardo Batista, Dr. Freixo Portugal, Coronel Teixeira de Carvalho, banqueiro; Dr. Virgílio de Rezende, Dr. Eugênio de Toledo, diretor da Biblioteca da Academia de Direito; Dr. Ezequiel de Paula Ramos, Dr. Costa Carvalho, promotor público; juiz de Direito Dr. Hipólito de Camargo, Dr. Tomaz de Aquino, Dr. Teodoro Sampaio, engenheiro-chefe da Secretaria do Interior; Dr. Romão Puiggari e Dr. José Feliciano, lente da Escola Normal; Felicidade de Macedo, professora da Escola Normal; Elisa Raquel de Macedo, diretora da Escola Modelo.

A colônia francesa fez-se representar por Mr. Rouyer, cônsul geral da França em S. Paulo; Mr. Hollander, correspondente do *Petit Journal*, de Paris; Mr. Pouset, Mr. Pouillet, negociante, e Mme. Pouillet; Victor Levy, negociante importador, e seus colegas Lucien Levy, Jacques Hehman, Bourdelat, Achille Swobe e Júlio Aillaud, de Paris.

Recebidos os representantes do governo de S. Paulo pelos Srs. Francisco Alves e Júlio Aillaud, percorreram SS. EExas. a livraria, exa-



Livraria Francisco Alves em S. Paulo

minando particularmente as belas coleções de livros didáticos, que são a especialidade da casa Alves & C.

Convidados a beber uma taça de *champagne*, SS. EExs. se dirigiram ao interior do estabelecimento, onde se achava posta uma mesa servida de seletas iguarias.

Por ocasião dos brindes, falou em primeiro lugar, em nome de Alves & C., o Dr. Sílvio Romero, que em brilhante discurso saudou o Estado de S. Paulo, nas pessoas dos Srs. presidente, vice-presidente, ministros e membros do Congresso Paulista, presentes à inauguração.

Respondeu o Sr. Dr. Bernardino de Campos, presidente do Estado, brindando os editores Alves & C., em palavras patrióticas e comoventes.

O Sr. cônsul da França, levantando entusiásticos aplausos da colônia francesa, saudou a pátria brasileira e o governo do Estado.

O Dr. Cesário Mota, em brilhante discurso, mostrou a benéfica e patriótica influência da instrução sobre o desenvolvimento da comunhão de ideias e do desenvolvimento da instrução brasileira e francesa, mostrou qual a sua paixão por tudo quanto diz respeito à instrução do povo e, finalmente, brindou a união das duas repúblicas, representadas ali pelos editores Alves, do Rio de Janeiro, e Júlio Aillaud, de Paris. Este discurso foi entusiasticamente aplaudido por todos os assistentes, notando-se nesse entusiasmo as senhoras presentes.

O Sr. Francisco Alves, chefe da casa, agradeceu às autoridades presentes o apoio moral que tão espontaneamente lhe traziam; prometeu pôr ao serviço da instrução toda a sua energia e o seu amor pátrio, que redobriariam pelo futuro devido a tão altas manifestações de simpatia.

O Sr. Júlio Aillaud saudou ao Estado de S. Paulo e ao Brasil, onde encontrou uma segunda pátria e donde leva as mais profundas recordações e estima para os patriotas que dirigem os seus destinos.

O Dr. Tancredo do Amaral brindou ao exímio escritor Sílvio Romero, honra das letras brasileiras; o notável escritor foi, então, alvo de uma simpática ovação de todos os assistentes brasileiros e estrangeiros.

O Sr. Francisco Alves saudou o professorado de S. Paulo, tão dignamente representado pelos Srs. Tomaz Galhardo, O'Leary e Tancredo Amaral.

O Sr. Tancredo do Amaral saudou a Guillard, Aillaud, de Paris, representados na pessoa do sócio Júlio Aillaud.

O Dr. Von Jhering, diretor do Museu, saudou aos editores em geral, ali representados por F. Alves e J. Aillaud; num singelo e comovente estilo disse o eminente sábio que os editores eram os indispensáveis colaboradores da inteligência, e foi muito aplaudido.

O Sr. cônsul francês levantou um brinde, muito aplaudido, à ciência universal, representada tão dignamente pelo Dr. Von Jhering.

O Sr. Júlio Aillaud levantou um brinde ao seu amigo Sílvio Romero.

Um cidadão da colônia francesa levantou um brinde muito apreciado — ao trabalho.

O brinde de honra foi levantado por F. Alves à imprensa paulistana, ali representada pelos principais jornais do Estado.

Depois de minucioso exame da livraria feito pelas autoridades e professores, retiraram-se os Srs. presidente e vice-presidente do Estado e secretário do Interior, continuando animadíssima esta festa, por brindes calorosos às damas francesas e brasileiras, à prosperidade da filial Alves & C., e em geral a todos os assistentes que tão delicadamente acudiram ao convite dos editores.

(Da *Gazeta de Notícias*, de 29 de abril de 1894.)

INAUGURAÇÃO DA LIVRARIA ALVES

(BELO HORIZONTE)

(Em 16 de junho de 1910)

Instalou-se ontem, sendo em seguida franqueado ao público, o importante estabelecimento comercial, cujo nome serve de epígrafe a esta notícia.

Os seus dignos proprietários Srs. Francisco Alves & Comp., que o são também da grande e conhecida livraria estabelecida no Rio de Janeiro, vêm prestar com esta nova casa importante serviço à nossa Capital e, em geral, ao Estado de Minas, onde se fazia sensível a falta de um grande estabelecimento desse gênero.

O distinto engenheiro Dr. Manoel Pacheco Leão, sócio da livraria e representante daquela firma comercial, teve a gentileza de convidar os representantes da sociedade belo-horizontina, para solenizar com a sua presença o auspicioso acontecimento, grato principalmente aos intelectuais e aos educacionistas, da abertura de uma livraria completa.

Ao meio-dia, em presença do Sr. Dr. Estêvão Pinto, secretário do Interior, dos Srs. Major Vieira Cristo e Maggi Salomon, representantes do Sr. presidente do Estado, do Dr. Prado Lopes, presidente da Câmara dos Deputados, e dos outros ilustres, cujos nomes abaixo publicamos, foi solenemente aberto o estabelecimento e franqueado ao público.

Em seguida, foram os convidados introduzidos na espaçosa contraloja, convertida em salão de festim, onde foi servida uma lauta mesa de doces, sendo então pronunciadas brilhantes saudações, muito aplaudidas pela assistência.

Teve primeiro a palavra, o Dr. Manoel Pacheco Leão, que depois de algumas frases gentilíssimas para o povo e governo mineiros, agradeceu a presença dos representantes da Capital.

Respondeu o Dr. Estêvão Pinto, ilustre secretário do Interior, que proferiu um conceituoso discurso, salientando as vantagens do novo estabelecimento comercial, que virá, seguramente, exercer uma benéfica influência sobre a cultura da nossa sociedade.

“É um bom presente, disse S. Ex., esse que os Srs. Francisco Alves & Comp. fazem à capital de Minas.”

Falou depois o distinto deputado Nelson de Sena, brindando, num brilhantíssimo discurso, à imprensa, ali representada pelos jornais da Capital. Este brinde foi feito em nome dos Srs. Francisco Alves & Comp.

Respondeu, em nome da imprensa, o nosso grande amigo e querido confrade Dr. Agostinho Pênio, que proferiu um entusiástico discurso.

Pela Escola Livre de Odontologia falou o ilustre amigo Dr. Magalhães Penido, que teve frases de grande elogio à antiga firma da conhecida Livraria Alves.

Falou, por fim, o Dr. Prado Lopes, que encerrou a série dos brindes numa eloquente saudação, calorosamente correspondida, ao benemérito Dr. Wenceslau Braz, presidente do Estado.

Foi uma festa inteligente, como convinha que o fosse, uma festa dos livros.

O *Diário de Minas* saúda efusivamente a nova casa, augurando-lhe as melhores prosperidades.

– A gerência da nova livraria está a cargo do Sr. Antônio Costa.

– O serviço do *lunch* foi fornecido pelo restaurante Paris, dos Srs. Caldeira & Irmão.

— Entre as pessoas presentes ao ato, conseguimos tomar nota das seguintes:

Major Vieira Cristo e Major Maggi Salomon, representando o Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado; Dr. Estêvão Pinto, secretário do Interior e interino das Finanças; Dr. Júlio Bráulio, por si e pelo Dr. Urias Botelho, chefe de polícia; Dr. Prado Lopes, presidente da Câmara dos Deputados; Dr. Francisco Barcelos, subprocurador interino do Estado; Senador Camilo de Brito, Dr. Augusto de Lima, redator-chefe do *Diário de Minas*; Dr. Zoroastro Alvarenga, diretor da Repartição de Higiene; Francisco Murta e Dr. Abílio Machado, do *Minas Gerais*; Desembargadores Aureliano Magalhães, João P. S. Continentino e Arnaldo Oliveira; Deputado Nelson de Sena, Ramos César e Horácio Guimarães, do *Diário da Tarde*; Deputado João Lisboa, Dr. Abel Drummond, Capitão Sousa Costa, por si e pelo Dr. Francisco Brandt, administrador dos Correios; Deputado Heitor de Sousa, Dr. Magalhães Penido, lente da Escola de Odontologia.; Agostinho Penido, redator d'*A Vanguarda*; Dr. Joaquim Francisco de Paula, Tancredo Braga, da *Gazeta de Minas*; Major Leopoldo Gomes, Deputado Eduardo Amaral, Major Raimundo Felicíssimo, representando o Dr. Valadares Ribeiro, diretor da Secretaria do Interior; Dr. Boaventura Costa, Professor Benjamin Flores, Lopes Sobrinho, Major Julião Alves de Barros, Tenente José Schumann, Coronel Vítor Mascarenhas, Dr. Carlos Góes, Deputado José Alves Ferreira e Melo, Deputado Simeão Stilita, Jaime Dolabela, Dr. Sebastião Correia Rabelo, Abel Macedo, do *Correio do Dia*; Dr. Otávio Martins, representando o Dr. Carvalho Brito; Rômulo Joviano e o representante do *Diário de Minas*.

(Do *Diário de Minas*.)

LIVRARIA ALVES

(BELO HORIZONTE)

A importante Livraria Alves & Comp., do Rio, inaugurou ontem festivamente, à Rua Baía, n.º 1055, a sua agência nesta capital.

Foi uma festa simpática, atraindo, ao belo edifício onde se instalou a nova filial da acreditada casa editora, representantes de todos os círculos da nossa fina sociedade e do nosso meio intelectual.

A cerimônia se verificou à 1 hora da tarde.

Ao meio-dia, começaram a chegar os convidados, que eram recebidos pelo ilustre Sr. Dr. Manoel Pacheco Leão, sócio e representante da firma Francisco Alves, o qual aqui veio especialmente para inaugurar a nova sucursal da conhecida livraria.

Entre as pessoas presentes, pudemos notar então as seguintes: Maiores Vieira Cristo e Maggi Salomon, ajudante de ordens e auxiliar de gabinete da Presidência do Estado, representando o Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz; Dr. Estêvão Pinto, secretário do Interior; Major Raimundo Felicíssimo, pelo Dr. Valadares Ribeiro, diretor do Interior; Dr. Júlio Bráulio, pelo Dr. Urias de Melo Botelho, chefe de polícia; Dr. Prado Lopes, presidente da Câmara dos Deputados; Capitão Joaquim Costa, pelo Dr. Francisco Brandt, administrador dos Correios; Professor Sebastião Rabelo, diretor do Externato do Ginásio Mineiro; Dr. Zoroastro de Alvarenga, diretor de Higiene do Estado; Desembargadores Aureliano Magalhães, Silva Continentino e Arnaldo de Oliveira; Senador Camilo de Brito; Dr. Francisco Barcelos, Dr. Magalhães Penido, pela Escola de Odontologia; Deputados Dr. Nelson de Sena, Dr. Heitor de Sousa, João Lisboa, Dr. José Alves, Coro-

nel Juvenal Pena; Eduardo do Amaral e Simeão Stilita; Dr. Carlos Góes, Dr. Francisco de Paula, e Conselheiro Benjamin Flores, lentes do Externato do Ginásio; Drs. Ernesto Siqueira e Gustavo Farneze e Paulo Fonseca; Dr. Augusto de Lima e Major Ferreira de Carvalho, pelo *Diário de Minas*, Abel Macedo, pelo *Correio do Dia*; Dr. Alcides Ferreira, correspondente do *Século* e da *Gazeta de Notícias*; Horácio Guimarães e Benjamin Ramos César, do *Diário da Tarde*; Dr. Agostinho Penido, da *Vanguarda* e Dr. Abílio Machado e Francisco Murta, por esta folha; Dr. Otávio Martins, pelo Dr. Carvalho de Brito; Dr. Abel Drummond, pelo Senador José Pedro Drummond, diretor da Agência do Banco de Crédito Real de Minas; Jaime Dolabela, Saturnino de Carvalho, Rômulo Joviano, Leopoldo Gomes, muitos comerciantes, industriais, homens de letras, etc.

Depois de percorrerem as diversas seções de livros, metodicamente dispostos em luxuosas estantes envidraçadas, por grupos de assuntos e autores, os convidados passaram à vasta sala ao fundo do estabelecimento, sendo-lhes aí oferecido um fino *lunch*, magnífico serviço do Restaurante Paris. A mesa estava lindamente decorada de flores naturais.

Ao *champagne*, tomou a palavra o Sr. Dr. Pacheco Leão, e disse que, fundando aqui uma nova filial, a casa Alves tinha o elevado empenho de associar-se, de algum modo, à obra benemerita da remodelação do nosso ensino primário, tão patrioticamente praticada pelos últimos governos de Minas, e que, à vista do nobre intuito que motivava aquela iniciativa em prol do desenvolvimento intelectual do Estado, se julgava feliz em declarar inaugurada, a nova agência da importante livraria.

Falou depois o Sr. Dr. Estêvão Pinto, que em brilhante discurso, pôs em relevo a importância que para o progresso moral do Estado,

como auxiliar eficaz do desenvolvimento da sua instrução pública, tinha a fundação de uma grande livraria, como aquela — o melhor presente com que a firma Alves & Comp., poderia dotar a nossa capital. S. Ex. terminou saudando aos representantes dos importantes livreiros e desejando à sua nova sucursal, como membro da administração do Estado, todas as prosperidades.

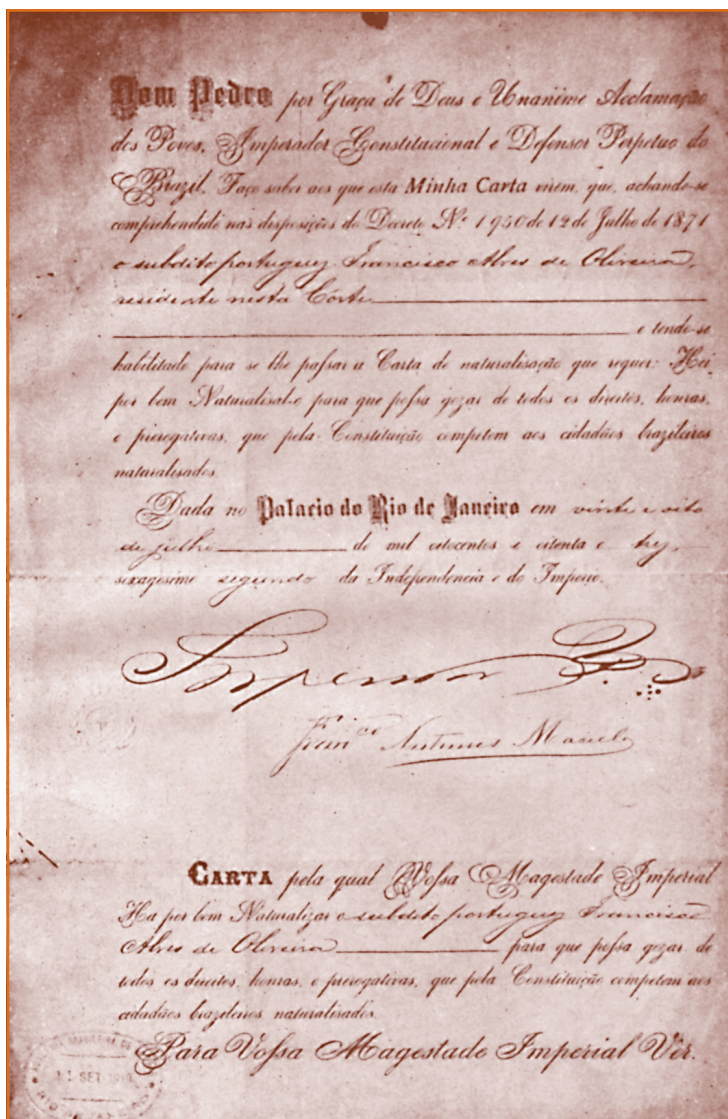
Comissionado pelo Sr. Dr. Pacheco Leão, o festejado escritor Dr. Nelson de Sena, em belo e eloquente *speech*, saudou à imprensa de Belo Horizonte e aos correspondentes das folhas cariocas.

Pelos jornalistas presentes, respondeu, em formoso discurso, o nosso venerando da *Vanguarda*, Dr. Agostinho Penido, que foi muito aplaudido.

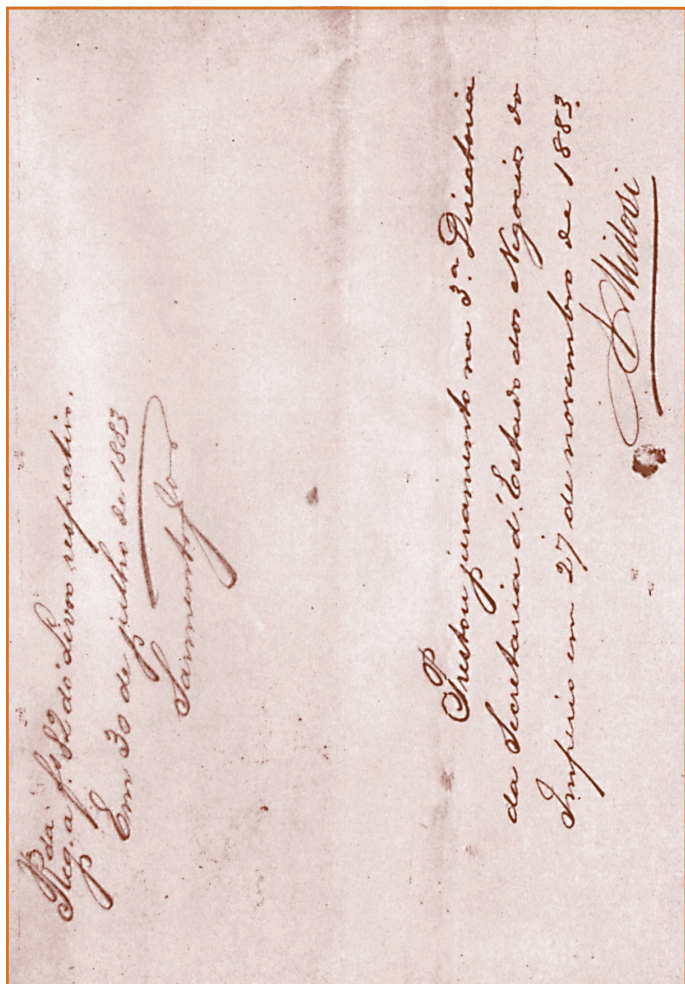
Falou também, em nome da Escola de Odontologia, o Sr. Dr. Magalhães Penido.

O Sr. Dr. Pacheco Leão brindou depois o Congresso Mineiro, agradecendo-lhe, em belíssima oração, o presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Dr. Prado Lopes, que terminou erguendo, pela Casa Alves, o brinde de honra ao eminente Sr. Dr. Wenceslau Braz, presidente do Estado.

Às 2 horas da tarde, retiravam-se os convidados, encantados com a bela festa e imensamente gratos às cativantes gentilezas que fidalgamente tiveram para todos o Sr. Dr. Pacheco Leão, o gerente, Sr. Antônio Costa e seus distintos auxiliares.



Carta de naturalização de Francisco Alves de Oliveira onde se vê a assinatura de D. Pedro II



Verso da carta de naturalização de Francisco Alves de Oliveira

ÍNDICE

	<i>Págs.</i>
<i>Introdução</i> – Aníbal Bragança	vii

Notas Biográficas

I	3
II	7
III	9
IV	12
V	14

Recordações e Anedotas

I – O testamento de Alves	19
II – Na casa de Alves	20
III – Medeiros e Albuquerque e um gesto de Alves	21
IV – Uma recordação de Ramiz Galvão.	22
V – A insistência do caixeiro	23
VI – Dedicção pelos livros.	23
VII – O livro de Gustavo Barroso que se esgotou mais depressa	25
VIII – Livros a mil réis o quilo	27
IX – Terreno preparado.	28
X – O rapaz do alicate	29
XI – Da livraria ao café	30
XII – Livros fiados	31

Francisco Alves, Autor

Discurso do Presidente Sr. José Carlos de Macedo Soares	35
--	----

Opiniões Sobre Francisco Alves

I – Coelho Neto	43
II – Olavo Bilac	43
III – Félix Pacheco	44
IV – Dantas Barreto	44
V – Paulo Barreto (João do Rio)	45
VI – Augusto de Lima	45
VII – Augusto de Lima	45
VIII – Gustavo Barroso	46
IX – Ramiz Galvão	46
X – Medeiros e Albuquerque	46
XI – Rodrigo Octávio	47
XII – Fernando Magalhães	47
XIII – Fernando Magalhães	48
XIV – Fernando Magalhães	48
XV – Fernando Magalhães	48
XVI – Fernando Magalhães	48
XVII – João Luso	50
XVIII – João Luso	50
XIX – Antônio Austregésilo	52
XX – A. Austregésilo	53
XXI – A. Austregésilo	53
XXII – A. Austregésilo – Revista cit. Pág. 193.	53
XXIII – Afonso Celso	54
XXIV – Celso Vieira	55
XXV – Levi Carneiro	59
XXVI – Tancredo Paiva	60
XXVII – J. G. de Araújo Jorge	60
XXVIII – Depoimento de um antigo empregado de Alves.	60

<i>Francisco Alves – O pioneiro do livro didático no Brasil</i>	
Afrânio Peixoto	61
“Uma recordação pessoal” – João Ribeiro	65
Bibliografia – Oswaldo Melo Braga	81
<i>Fontes Para Um Estudo</i>	99
<i>Documentos</i>	
O testamento de Francisco Alves	105
Inauguração da Livraria Alves em S. Paulo	108
Inauguração da Livraria Alves (Belo Horizonte)	114
Livraria Alves (Belo Horizonte)	117

∞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT; NOTAS, 9/12 PT.

